

LUIZ EDUARDO BENINI

**PRÁTICAS CORPORAIS, ATIVIDADE FÍSICA E CIRCO: DO PALCO DE
ABERRAÇÕES À ESPETACULARIZAÇÃO DO CORPO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS - BRASIL
2013

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

B467p
2013 Benini, Luiz Eduardo, 1984-
Práticas corporais, atividade física e circo : do palco de
aberrações à espetacularização do corpo / Luiz Eduardo Benini.
– Viçosa, MG, 2013.
xiii, 93 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexos.

Orientador: Marizabel Kowalski.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 75-81.

1. Circo. 2. Educação Física. 3. Exercícios físicos.
I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Educação
Física. Programa Associado de Pós-Graduação em Educação
Física. II. Título.

CDD 22. ed. 791.3

LUIZ EDUARDO BENINI

**PRÁTICAS CORPORAIS, ATIVIDADE FÍSICA E CIRCO: DO PALCO DE
ABERRAÇÕES À ESPETACULARIZAÇÃO DO CORPO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 29 de Julho de 2013.

Jairo Antônio da Paixão

Ana Luisa Borba Gediel
(Coorientador)

Marizabel Kowalski
(Orientador)

Ao meu pai Carlos (*in memoriam*) que, agora distante fisicamente, me deixou olhar dentro de seu interior e absorver dele tudo o que tenho hoje.

“Da gente que eu gosto”

Eu gosto de gente que vibra, que não tem de ser empurrado, que não tem de dizer que faça as coisas, mas que sabe o que tem que fazer e que faz. A gente que cultiva seus sonhos até que esses sonhos se apoderem de sua própria realidade.

Eu gosto de gente com capacidade para assumir as consequências de suas ações, de gente que arrisca o certo pelo incerto para ir atrás de um sonho, que se permite, abandona os conselhos sensatos deixando as soluções nas mãos de Deus.

(Mario Benedetti)

“Soneto do amigo”

Enfim, depois de tanto erro passado,
tantas retaliações, tanto perigo
Eis que ressurgue noutro o velho amigo,
nunca perdido, sempre reencontrado.
É bom sentá-lo novamente ao lado,
com olhos que contêm o olhar antigo
Sempre comigo um pouco atribulado,
e como sempre singular comigo.
Um bicho igual a mim, simples e humano, sabendo se mover e
comover, e a disfarçar com o meu próprio engano.
O amigo: um ser que a vida não explica. Que só se vai ao ver
outro nascer, e o espelho de minha alma multiplica...
(Vinicius de Moraes)

“Agradeci-dores”

No meio do caminho havia uma pedra, usar tal excerto seria
 clichê se não fosse a pura realidade. A entrada esperada, a
realização buscada; a desilusão se instala, com a aprendizagem
conturbada.
No caminho... trocadilhos, pedras... perdas...perdidas.
A busca incessante de (re) conforto e a estabilidade da emoção,
à procura do autoconhecimento.
Clara... Chicken... Camis... Bel... Amigos, mestres e parceiros,
Incentiva-dores, estimula-dores, grandes dores,
Enfim, meus agradeci-dores.
(Luiz Eduardo Benini)

AGRADECIMENTOS

À Deus, por guiar-me e enviar luz e energias positivas sempre;

À mãe Clarice, exemplo de mulher guerreira, soube como ninguém contornar situações, superar obstáculos e, mesmo inconscientemente me ensinar algo e provar a mim e a todos que acreditar é possível;

À minha família, que mesmo diminuindo no decorrer deste estudo, soube me proporcionar apoio e acalento na medida do (im)possível;

À Bel, minha (des)orientadora, agradeço as cobranças, exigências, dinamismo;

À Ana Luisa, pelo curto tempo, porém intenso, de compartilhamento de emoções e experiências vivenciadas, como também estendo ao seu grupo de estudos e trabalho;

Ao Guilherme, pela companhia, carinho, afeto e um “tantão assim” de extrema prontidão nos momentos presentes e ausentes, meu amor incondicional;

À Camila, disposta, determinada e sensível, soube me fazer crescer como pessoa, sempre se colocando de forma doce e sutil;

À comunidade do Circo Fiesta, pela oportunidade e receptividade, vocês foram essenciais nessa empreitada;

Aos amigos de Viçosa: Val, Pablo, Sérgio, Wesley, Vagner e Élcio que acompanharam de perto ou longe essa trajetória, trocando aprendizado e dividindo aflições, sem vocês não suportaria o retorno à Viciosa;

Às minhas irmãs da Republica Mistura Fina (Dani, Ailly, Nádia, Echa e Camila), que me acolheram no momento de desabrigo e souberam lidar comigo no processo de materialização desse trabalho;

A Capes-REUNI, pelo apoio financeiro e pela oportunidade de vivenciar a troca professor-aluno;

Aos demais amigos que, mesmo distantes, se fizeram presentes.

Aos profissionais que se dispuseram gentilmente a participar deste estudo.

Às pessoas que porventura não foram citadas, mas que de alguma forma contribuíram para a conclusão deste trabalho.

BIOGRAFIA

Luiz Eduardo Benini é filho de Carlos Benini (*in memoriam*) e Clarice Aparecida Benini. Natural de Boa Esperança do Sul/SP, nascido em 15 de Janeiro de 1984, porém, residente na cidade de Araraquara/SP. Formou-se em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa, em 2009 e, iniciou sua Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física pela mesma universidade, no ano de 2011.

RESUMO

BENINI, Luiz Eduardo, M.Sc. Universidade Federal de Viçosa. Julho de 2013. **Práticas corporais, atividade física e circo: do palco de aberrações à espetacularização do corpo.** Orientadora: Marizabel Kowalski. Coorientadora: Ana Luisa B. Gediel.

O presente trabalho busca compreender as representações corporais dos sujeitos do Circo Fiesta no que diz respeito à configuração de sua corporalidade no Circo Tradicional. A partir de um exercício etnográfico que abarcou a observação participante, diário de campo e coleta das entrevistas semiestruturadas, tornou-se possível investigar aspectos da comunidade circense, por meio da análise do discurso e Teoria Interpretativista de Geertz, identificar um corpo-educado circense assim como uma discussão acerca de suas manifestações corporais calcada na esportivização, porém com aspectos espetacularizados. Para tanto, se tornou necessário revisar estudos históricos das práticas circenses, as quais se apresentaram e se apresentam de diferentes formas desde a antiguidade. Devido a peculiaridade de itinerância e tradicionalidade, conjuntamente, necessitou-se estabelecer um diálogo bibliográfico com outras constituições de corporeidades. Trata-se de um movimento que não tem suas raízes certas, mas que no campo da produção de conhecimento científico, particularmente na filosofia e na sociologia da ciência tem sua relevância. Trazemos sobre o picadeiro autores da Sociologia e História, assim como estudiosos sobre a arte circense, para um debate teórico empenhado em colapsar as dicotomias e reordenar as dualidades estruturantes das Ciências Humanas - natureza e cultura, sujeito e sociedade, corpo e mente - apontando para novos aportes na compreensão e representação das relações humanas. São eles: Thomas Csordas, Norbert Elias e Merleau-Ponty (Corporeidade), Corbin, Courtine e Vigarello (História do corpo), Carmem Lucia Soares (Educação do corpo), Mauss e Bourdieu (Sociologia), Foucault (Corpo e poder) e Bolognesi e Regina Horta Duarte (Circo). Ainda que guardadas as diferenças entre estes vários autores, poderíamos dizer que estão implicados na tentativa de construir uma compreensão corporal da realidade que, em contraposição à tradição objetivista da ciência, busca uma epistemologia imanente aos contextos do mundo da vida. Dessa forma pode-se dar visibilidade a esta prática atuante na sociedade, porém marginal, de pouca expressão na educação física e levantadora de novas faces na contemporaneidade, faces que configuram novas práticas, as quais invadem e alcançam o indivíduo sozinho ou em

sociedade por meio de instituições como escolas, oficinas e eventos e porque não o Circo?

ABSTRACT

BENINI, Luiz Eduardo, M.Sc. Universidade Federal de Viçosa. July, 2013. **Bodily practices, physical activity and circus: the stage of aberrations the spectacle of the body.** Adviser: Marizabel Kowalski. Co-adviser: Ana Luisa B. Gediél.

The presented dissertation aims to understand the physical representations of ‘Fiesta Circus’ participants regarding its corporality configuration in the ‘Traditional Circus’. Based on an ethnographic exercise that encapsulated active observation, journal registration and data collection through semi-structured interviews, it was possible to investigate the aspects of the circus community through discourse analysis and Geertz’ Interpretative Theory. Moreover, it was possible to identify an educated-body in the circus community as well as a discussion regarding its physical manifestations that are based in sportive practices, but also present artistic aspects. So that could be achieved, it was necessary a review of the historical practices involving circus, that have been presented and are presented in several different ways since the ancient period. Due to the itinerancies’ peculiarity and its traditionalism, it was necessary to establish a bibliography dialogue with other physicality’s constitutions. It comprises a movement that does not possess defined roots, but that in the scientific knowledge field, especially in Philosophy and in Science’s Sociology find its relevance. Authors from Sociology and History were brought to the ring - as well researches involved with the circus art - for a theoretical debate that aims to cause collapse in the dichotomies and re-structure the dual structure of the Human Science – nature and culture, citizen and society, body and mind – pointing to new aportes in the comprehension and representation of human relations. They are: Thomas Csordas, Norbert Elias and Merleau-Ponty (Phisicality), Corbin, Courtine e Vigarello (Body History), Carmem Lucia Soares (Body Education), Mauss and Bourdieu (Sociology), Foucault (Body and Power) e Bolognesi e Regina Horta Duarte (Circus). Although there are differences between the cited authors, one could say that they are committed to the attempt of constructing a physical comprehension of reality, that is opposite to the objectiveness of traditional science, searching for an epistemology intrinsic to the contexts connected to the world and life. In this way, this practice that is active in society, but of minor expression in the physical education context can be given more visibility. This practice is responsible for bringing new areas to the contemporary world, responsible for the raising new practices

that invade and reach the individual who is alone or in society through institutions such as schools, events and why not mention, the Circus?

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: APROXIMAÇÕES E QUESTÕES NORTEADORAS	1
CAPÍTULO 1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	5
1.1. PLANEJAMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA	5
1.1.1. SISTEMATIZAÇÃO	5
1.2. A PERMANÊNCIA COM OS SUJEITOS EM “SEU” LOCAL	9
1.2.1. AS QUESTÕES ÉTICAS NO CIRCO	10
1.3. AS TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS E ANÁLISES	11
1.3.1. CONTRATEMPOS	13
1.4. AS CATEGORIAS DE ANÁLISE	14
CAPÍTULO 2. O CIRCO E SUAS RELAÇÕES COM EDUCAÇÃO FÍSICA	17
2.1. A TRAJETÓRIA DO CIRCO	17
2.1.1. A TRAJETÓRIA DO CIRCO BRASILEIRO	19
2.2. O CIRCO CONTEMPORÂNEO “VERSUS” CIRCO TRADICIONAL	21
2.3. APROXIMAÇÕES DAS TÉCNICAS CIRCENSES E A EDUCAÇÃO FÍSICA	23
2.3.1. O CIRCO E O PROCESSO DE TREINAMENTO	25
CAPÍTULO 3. QUE SUBAM A LONA PARA O ESPETÁCULO DO CORPO	27
3.1. A CONSTRUÇÃO DE CORPO NO TEMPO	28
3.1.1. O CORPO ESTIGMATIZADO	30
3.1.2. A DISCIPLINARIEDADE DO CORPO	32
3.1.3. CONTRIBUIÇÃO DE MAUSS E BOURDIEU AOS ESTUDOS CORPORAIS	33
3.2. CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA – PELA TEORIA DA “EMBODIMENT”	35
3.2.1. A TEMPORALIDADE ELISIANA NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	36
3.2.2. MERLEAU-PONTY E CSORDAS VÃO AO CIRCO: DIÁLOGOS PERTINENTES SOBRE O CORPO	38
CAPÍTULO 4. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS POR TRÁS DAS CORTINAS	41
4.1. NOÇÕES DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS (RS)	41
4.1.1. O HOMEM É UM SER SOCIAL E TAMBÉM UM SER CULTURAL – O CORPO NA COMPREENSÃO DE MUNDO	44

CAPÍTULO 5. EM CENA: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	46
5.1. ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS CATEGORIAS	46
5.2. O “CRUZAMENTO”	67
5.2.1. “GERMINAL” E CIRCO FIESTA	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75
ANEXOS	82
ANEXO I – CARTA DE ACEITE/AUTORIZAÇÃO E TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	83
ANEXO II – ROTEIRO ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS	86
ANEXO III – FOTOGRAFIAS	88
ANEXO IV – QUADRO ESQUEMÁTICO DA AMOSTRA	93

INTRODUÇÃO: Aproximações e questões norteadoras.

No decorrer da graduação em Educação Física, na Universidade Federal de Viçosa, fiz as primeiras aproximações no campo de estudo dos fenômenos sociais. Os contatos iniciais conduziram para uma linha tênue entre as relações presentes no cotidiano das pessoas com as construções socioculturais da comunidade circense. As interlocuções trouxeram indagações no campo da Educação Física sobre o Circo e suas representações corporais.

Ao contatar-me com a disciplina de Fundamentos Sociológicos Aplicados à Educação Física e Esporte, me possibilitou estabelecer o olhar crítico e contextualizado nos processos presentes na sociedade, pois descaracterizava o caráter “biologizante” e normativo da grande massa das disciplinas acadêmicas dos variados aspectos que rodeiam o ser humano.

O que sabemos é que o corpo, além de ser uma dimensão biológica, é suporte de realidades social e cultural. Significa que a forma, o tamanho (dimensões) e os adornos podem transmitir informações a respeito da posição da pessoa na sociedade. O corpo, por várias razões, transfigura-se em imagens e estas são ancoradas por este corpo. Quando se tem amor, sentimento, alma, corpo e rosto, há transfiguração e estes adquirem outras dimensões de interpretação e análise, pois novas marcas são instituídas para as representações corporais da sociedade. (KOWALSKI, 2009).

A partir das discussões sobre esse corpo socializador, cultural e estético tem-se que o aprofundamento de questões no decorrer da dissertação é o objetivo principal, ou seja, compreender as representações sociais do corpo do indivíduo circense para a comunidade do Circo Fiesta.

Esta pesquisa se fundamenta em autores teóricos clássicos ligados à área da Sociologia, Psicologia Social, História e Educação Física cuja finalidade é o respeito das conceituações de representações sociais (RS), corporeidade – *embodiment*, Circo e Educação Física.

O Circo e a Educação Física são os protagonistas deste picadeiro. Sabemos que são fenômenos distintos que, segundo Soares (1998) historicamente se entrelaçam e assemelham no fato de que as acrobacias do Circo exerceram influencia na Ginástica Francesa, sobretudo em Amoros que, com base nos gestos dos acrobatas e saltimbancos, tinha a ideia de economia de energia (SOARES, 1998).

A autora elucida o fato ao citar que “*estudos sobre a história da atividade física, a ginástica, o Circo (...) e as demais manifestações artístico-esportivas possuem um denominador histórico comum*”, e, desse modo, reflete positivamente na história social da humanidade, a respeito das questões corporais, pois as representações construídas sobre o corpo partem das crenças e ideias que se tem dos movimentos e gestos performáticos presentes no picadeiro (SOARES, 1998).¹

Embora a Educação Física recaia sobre a cultura corporal do movimento, o que enfatizamos é o caso do corpo do sujeito circense como objeto de pesquisa, principalmente, porque nas últimas três décadas, os estudos revelaram sua importância nas Ciências Humanas (História, Sociologia, Filosofia, Antropologia e Psicologia), pois sendo uma forma de linguagem, comunica algo ou alguma coisa à sociedade e é dependente de codificações específicas de grupos especiais (RODRIGUES, 1975).

A cultura Ocidental, a partir da década de 1960 embutiu ao “corpo” um novo *status* social, conferindo cientificidade às práticas corporais dando-lhe olhar diferenciado, múltiplo e complexo. Eagleton (1998) citado por Del Priori (2000), afirma que “*(...) a retomada da importância do corpo foi uma das mudanças mais importante no pensamento radical presente*” (DEL PRIORI, 2000).

Pensar acerca do corpo exige pensar a respeito da existência, da aparência, da vida e da morte, da finitude, do tempo, do sensível e do invisível, em que o divagar nos sonhos nos remete a um pensamento excelente da alma, que brinca e sonha à vontade, libertando-se do corpo (GOLDENBERG & RAMOS, 2002).

Historicamente considerado algo fútil e irrelevante, tanto pela ciência quanto pelos diversos grupos e classes sociais, o Circo vem sendo o conteúdo de um crescente debate científico e filosófico, bem como se afirmando no discurso do cotidiano das pessoas, grupos, empresas e instituições públicas e privadas. O Circo, por muito tempo, foi uma dessas formas de mostrar a passagem do corpo pelo performático, acrobático e hilário, como meio de entretenimento coletivo. Neste íterim a instituição circense sofreu modificações passando por muitos reveses, entretanto, “a lona armada” continuou sendo aplaudida.

A organização dos circos, geralmente, desenvolveu-se de forma singular com relação à história e à cultura de cada país e civilização. No caso do Brasil, esta aconteceu com as modificações da sociedade e da cultura no início do século XX,

¹ Ver Capítulo Dois: Educação No Corpo “A Rua, A Festa, O Circo, A ginástica”, de Carmem Lucia Soares (1998).

fundada particularmente na urbanização e, posteriormente, a partir dos anos 1940, pela industrialização influenciando o olhar a respeito da divisão do trabalho e o tempo livre (POLOSSO, 2004).

O desejo de compreender o circo está engajado na teoria das representações sociais e nos estudos simbólicos. Não se trata de compreender a essência do circo, nem mesmo sua individualidade descolada de uma base empírica. Trata-se sim; de compreender a pluralidade de sua fragmentação inscrita numa perspectiva social e histórica de longo alcance. O que evidenciamos é a ocorrência de banalização das orientações políticas e sociais do circo tradicional familiar que enfatiza o recurso dos ensaios como possibilidade de dar sentido as fissuras que se vai impregnando ao tempo do espetáculo do novo circo.

Este estudo entende o mundo do Circo como um modo de vida cujo conceito expressa uma comunidade não estática e homogênea. Neste sentido, temos questões norteadoras: a) como se caracterizam as representações sociais do corpo presentes no Circo Fiesta? b) como se configuram estas representações para a relação da Educação Física com a cultura do circo?

O Circo Fiesta, de passagem pelo município de Araraquara, interior do Estado de São Paulo, foi peça central de análise do estudo, pois apresenta organização de cunho familiar. Desta forma, seus componentes nos trouxeram elementos para reflexão sobre o sujeito circense enquanto parte da realidade itinerante de uma cidade e, acima de tudo, a partir da compreensão de que o corpo constitui-se o fundamento estético para dialogar com as comunidades cidadina (estabelecida) e circense (*outsiders*²).

Santin (1990:29) reage a estas questões afirmando que as ciências, em suas preocupações de produzir conhecimentos objetivos, acabaram “*deixando escorrer através dos poderosos tentáculos de sua mão mecânica o especificamente humano do homem*”.

Nesta perspectiva, estabelecidos os eixos norteadores deste trabalho, reafirmamos que o corpo no meio circense desenvolve categorias e abordagens que se fundamentam na compreensão, que correspondem à própria realidade humana, sendo

² O termo “Outsiders” na Teoria Elisiana identifica àqueles que representam uma parcela da sociedade que sempre está a margem, tentando ser “Estabelecido”. Estes termos foram utilizados por Norbert Elias em sua obra intitulada “**Os estabelecidos e outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade**”, de 1965.

abertas, dinâmicas e polissêmicas³. É preciso compreender que não existe simplesmente um corpo do indivíduo circense, mas sim, experiências vivenciadas⁴, que são representações de formas de vida as quais constroem e significam identidades múltiplas ao se apropriarem de elementos diversos.

Com base no exposto, elaboramos etapas, organizando o estudo em capítulos como segue:

Capítulo I – salienta os procedimentos metodológicos adotados para o alcance dos objetivos da pesquisa, afirmando-os em processos analíticos para a compreensão das representações no ambiente do circo.

Capítulo II – tece reflexões históricas acerca do Circo Tradicional evidenciando o caráter metamórfico do corpo no tempo e espaço circense, concomitante à relação com a área da Educação Física.

Capítulo III – trás para cima do picadeiro, historicamente, o objeto de representação do sujeito circense – o corpo – e, dessa forma, como ele é construído e evidenciado fenomenologicamente. Partimos dos autores Carmem Lucia Soares, Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e George Vigarello e os dialogamos com Michel Foucault, Marcel Mauss e Pierre Bourdieu.

Capítulo IV – pontuamos conceitos de Representações Sociais, pelo viés da Psicologia Social e Sociologia, respectivamente com Serge Moscovici, Denise Jodelet e Durkheim, com a finalidade de discutir integralizando-os à realidade das técnicas corporais do Circo Fiesta.

Capítulo V – apresentamos as ações relacionadas direta ou indiretamente com o corpo, cerceando as entrevistas no que concerne à visão que os profissionais do Circo Fiesta evidenciam em seus corpos.

Capítulo VI – análise e discussão dos discursos coletados pautados no referencial teórico enfatizando o aspecto educativo das técnicas corporais encenados sobre o picadeiro no Circo Fiesta.

³ No campo do senso comum, polissemia engloba a diversidade de situações e fatos sociais, remetendo a múltiplos sentidos e significados. Nesse estudo tomamos o Circo como componente cultural e, portanto passível de interpretações.

⁴ CITRO, S.(org.). **Cuerpos Significantes**: travesía de una etnografía. 1ed, Buenos Aires: Biblos, 2009; CITRO, S. **Cuerpos plurales**: antropología de y desde los cuerpos. 1ed, Buenos Aires: Biblos, 2010.

CAPÍTULO 1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1.1. Planejamento metodológico da pesquisa

A vontade de conhecer aproximou o ser humano da pesquisa científica, na possibilidade de estabelecer soluções, minimizando os problemas do cotidiano, fazendo a vida fluir mais adequadamente. Entretanto, a incerteza é o que move e instiga o homem, embutindo a dúvida e colocando em xeque a verdade absoluta. Acreditamos, contudo, que o método de projetar gera as primeiras hipóteses originando a metodologia para o uso de métodos distintos e passíveis de criar ideias. Por isso, uso da metodologia científica é mais um trabalho de transpiração do que inspiração, o que consequentemente, induz a inter-relação do sujeito e do objeto com as fontes de dados.

Coerência e clareza nos procedimentos metodológicos e nas técnicas de coleta de dados são fundamentais no planejamento de pesquisa que, segundo Sellitz, Wrightsman e Cook (1987) preconizam que iniciemos a pesquisa com uma delimitação do problema e especificações dos tipos de informações a serem estudadas (arcabouço teórico-conceitual e suas conceituações) para, em seguida, burilarmos nosso planejamento (SELLITZ, WRIGHTSMAN E COOK, 1987).

Já o planejamento organiza os meios da coleta, sistematização, análise e síntese dos dados de maneira a dar significado e formatação à pesquisa com economia do processo de investigação, ou seja, ajustar a elaboração da bagagem teórico-conceitual (problema, objetivo, referencial teórico) com as possibilidades do modelo metodológico. Sendo assim, esta pesquisa apresenta como finalidade de identificar, descrever e compreender as representações sociais de corpo no meio circense e suas relações com a Educação Física, especificamente do Circo Fiesta.

1.1.1. Sistematização

Podemos afirmar que, nos estudos acerca do corpo cultural, raramente, o conhecimento pode ser obtido por pesquisas estritamente experimentais e análises estatísticas. Portanto, a pesquisa qualitativa torna-se mais adequada para essa pesquisa, no sentido de que, todas as situações, pessoas e eventos são passíveis de descrições

detalhadas⁵ encorpadas de sentimentos, vivências, atitudes e crenças advindas dos atores, investigadas por pesquisadores (PRESTES, 1989). Na Educação Física a influência se firmou na produção do conhecimento sob a tutela positivista empírico-analítica trazida das Ciências Naturais. Isso levou ao distanciamento das investigações nas Ciências Humanas, particularmente as que investigavam a corporeidade alinhando-se, muitas vezes, à biologia funcional do indivíduo e ao esporte no que concerne à melhoria dos resultados técnicos (MOLINA NETO; TRIVIÑOS, 1999).

Por outro lado, no contexto geral, percebemos o aumento no número das pesquisas com abordagens qualitativas, fenomenológicas e dialéticas elevando para critérios rigorosos com vistas ao reconhecimento de métodos deste tipo. Claro que isso é adjunto ao pensamento científico tradicional, mas, também, de uma contínua necessidade de todo e qualquer campo da ciência, ou seja, tecendo a autocrítica acadêmica para a constante vigilância epistemológica.

Quando adotamos a pesquisa qualitativa partimos da premissa de que nossas ações têm sentidos e valores. Esta relação de causa e efeito não capta percepções que interferem nos resultados. O método liga-se ao conteúdo e traça o caminho até chegar a informações de pessoas diretamente vinculadas e inseridas no contexto estudado. Portanto, não podem ser controladas e generalizadas e exigem o máximo de envolvimento do pesquisador (PRESTES, 1989).

Vale ressaltar as fragilidades da metodologia quanto à credibilidade e legitimidade⁶ que devem ser postas a prova. A cientificidade da pesquisa parte para a lógica dos mesmos princípios e procedimentos investigativos aplicados a abordagem quantitativa. O pesquisador ao se inserir em uma comunidade parte para o método etnográfico, processo entendido pelo resultado do contato entre duas culturas – do eu e do “outro”. Dessa forma, todo pesquisador procura se colocar na ‘pele do outro’, conseguindo romper as barreiras do evolucionismo e superar as incoerências proporcionando o entendimento da cultura interna, que pela totalidade biopsicossocial são interdependentes e justificáveis por si⁷.

⁵ Observar o conceito de descrição densa proposta por Geertz (1989).

⁶ MARCONI, M.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 2008; NÓBREGA, T. P. Corpo e epistemologia. In: NÓBREGA, T. P. (Org.). **Epistemologia, saberes e práticas da Educação Física.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2006.

⁷ MALINOWSKI, B. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental.** Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1976. Essa interculturação do “outro” é caracterizado pelo europeu anteriormente pela imagem do bom e mau selvagem. Após superar o etnocentrismo europeu, novo estudo iniciou-se com Malinowski.

Assim, a pesquisa qualitativa embasa-se na perspectiva naturalista e interpretativista, caracterizando o pesquisador estudando o objeto em seu meio natural, onde foca na tentativa de entender, compreender e interpretar os significados que os atores dão aos fenômenos.

Nesse sentido, o método etnográfico, se enquadra nesta abordagem, pois ela emerge no contexto antropológico em que não há separação entre os observadores e observados, afastando-se daqueles pesquisadores ‘de gabinetes’ que apenas analisam os dados (LAPLANTINE, 2003).

Para Geertz (1989)⁸, fazer etnografia é

(...) como tentar ler (no sentido de construir uma leitura de) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, ementas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos de comportamento modelado (GEERTZ, 1989:20).

Portanto, o etnógrafo parte a campo para, por meio da observação direta, captar os fenômenos e compreender as relações socioculturais que giram em torno das comunidades, até então desconhecidas.

De posse desse embasamento, temos as contribuições de Franz Boas e Bronislaw Malinowski⁹. O primeiro transformou a figura do pesquisador em homem de campo e, desse modo, passível de descrever minuciosamente o âmbito da comunidade e, o segundo, tomou a sociedade em sua totalidade e emergiu o momento-chave do método – a observação participante – aonde a prática de conhecimento intensivo dos indivíduos e seu contexto é que possibilita direcionar o olhar para as situações que se constroem no interior do grupo no qual vive, age e se relaciona. A partir dessas contribuições é que os estudos etnográficos buscam a compreensão de uma sociedade de dentro dela, salientando o ir, ver e viver com os ‘nativos’ e transformando a antropologia científica e tornando a observação participante uma das principais técnicas desse método.

A produção de dados, portanto pautar-se-á através da utilização da observação participante e se complementar com a escrita do diário de campo¹⁰. O pesquisador

⁸ GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Tradução: Fanny Wrobel. Rio de Janeiro. Zahar, 1989.

⁹ MALINOWSKI, B. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1976. Essa interculturação do “outro” é caracterizado pelo europeu anteriormente pela imagem do bom e mau selvagem. Após superar o etnocentrismo europeu, novo estudo iniciou-se com Malinowski.

¹⁰ GEERTZ, C. Do ponto de vista de nativo: a natureza do pensamento antropológico. In: **O saber local: novos ensaios de antropologia interpretativa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, p. 85-107, 2001. Com a publicação do diário de campo de Malinowski – por sua esposa – Geertz trouxe à tona alguns questionamentos acerca da adequação perfeita do pesquisador na cultura do outro – como o antropólogo

inserido na comunidade participará ou não de todas as atividades, inicialmente vendo e ouvindo e, *a posteriori*, registrando atentamente o maior número de informações possíveis.

Essa técnica de coleta de dados, segundo Marconi & Lakatos (2008), portanto, parte da premissa da observação não como produto final, mas sim processual formado por distintas atitudes que se relacionam e, se e somente se, é conseguida por intermédio de escolhas do pesquisador, tais como: selecionar local apropriado para o acesso a comunidade, condução a risca dos trabalhos, com anotações e bilhetes informativos, assim como relação harmoniosa com os atores envolvidos e devidamente avisados de sua inserção.

Mediante essa visão científica da observação, cabe ao pesquisador ter clareza sobre sua intenção na pesquisa, assim como, despir-se de qualquer pré-julgamento sobre o que observa e registra. Tendo em mente seu papel e seu lugar na comunidade, consciente de que não tem o controle sobre tudo.

Diante do exposto, Marconi & Lakatos (2008) preconizam que a confiabilidade e autenticidade da pesquisa residem no fato de passar as anotações pelo crivo da sistematização, análise dos dados e repetição das observações durante o período determinado, como também, pelo cruzamento dos dados com outras técnicas – a entrevista semiestruturada - a qual foi empregada nesta pesquisa.

Dessa forma, os desdobramentos obtidos com a inserção do pesquisador na cultura do outro – a comunidade circense – preconiza a clarificação dos comportamentos e situações vividas pelos atores com o intuito de elucidar a realidade presente nesta sociedade e fazer ver, que as manifestações corporais advindas dessa reclusão são propiciadoras de interpretações a respeito dos indivíduos pertencentes a ela.

1.2. A permanência com os sujeitos em “seu” local

A história do Circo Fiesta nasce da parceria da empresa de leite em pó e derivados Nestlé e a promoção do produto Moça Fiesta. O início, há vinte anos, se valeu

consegue conhecer o que pensa ou sente um nativo. O diário veio a revelar que há o subjetivismo do pesquisador frente a objetividade da pesquisa científica, assim, o diário serve para que o pesquisador organize suas ideias e os próximos passos a serem dados na cultura desconhecida, avaliando-a e se avaliando cotidianamente. O diário de campo torna-se instrumento de vigilância epistemológica.

da comunicação midiática “junte três códigos de barra de Moça Fiesta e troque por um ingresso do Circo”. Esta estratégia alavancou o sucesso de ambos, produto e espetáculo. Atualmente o Circo Fiesta tem como suporte a Lei Rouanet, do Ministério da Cultura, mantendo um elenco de mais de duas dezenas de artistas nacionais e internacionais que se revezam nas performances acrobáticas de ar, de solo, malabarismos e truques de ilusionismos.

A escolha do Circo Fiesta é o enquadramento nas características do Circo Tradicional proposto por Bortoleto (2008), ou seja, nomadismo – itinerância, organização familiar e transmissão de saberes. Outro fator relevante foi a proximidade do objeto com o pesquisador¹¹. A utilização destes dois critérios representou um mecanismo metodológico importante, a integral permanência de contato no interior da comunidade por trinta dias justificou a finalidade última do estudo descritivo-analítico fidelizando a credibilidade da abordagem etnográfica de Malinowski.

O Circo Fiesta esteve em cartaz no mês de Julho, com apresentações de terça a domingo, na cidade de Araraquara/SP. A apresentação retornou à cidade após 15 anos e trouxe consigo um novo e remodelado espetáculo – “*Bagun S/A*”¹² (homônimo homófono de bagunça), o qual conta a história de um palhaço (Fuinha) que entra em um Circo incomum - sério, rígido, triste. Fuinha ao equilibrar-se na corda bamba, com determinação e força de vontade, consegue se contorcer e transformá-lo em um Circo animado, engraçado, dinâmico, enfim, feliz. Esse comportamento advém de suas habilidades em lidar com componentes austeros e fazer com que retomem a alegria de viver – a alegria de viver no Circo.

O espetáculo é encenado por meio dos sujeitos que lá residem e são construídos por meio do panorama evidenciado no quadro esquemático abaixo:

¹¹ Natural da cidade de Araraquara – São Paulo.

¹² O Circo Fiesta conta com colaboradores, patrocinadores o idealizador e produtor Ricardo Maia, diretor e criador César Guimarães além do Ministério da Cultura apoiados e a Lei Rouanet, Shopping Jaraguá, ZF Sachs, ArcelorMittal e co-patrocinadores Mágico (Pepsico) e Tilibra. *O principal objetivo desse projeto é mostrar a importância da criatividade, de buscarmos novas realidades. A partir disso, buscamos nas pessoas capacitadas desta comunidade respaldo para que o show pudesse continuar (Ricardo Maia)*. Disponível em: <http://www.ojornalnet.com.br/2011/07/grande-producao-de-circo-teatro-e-danca-chega-em-araraquara/>. Acessado em 31 de Agosto de 2011.

ENTREVISTADO	SEXO	ORIGEM	IDADE	ESTADO CIVIL	ESCOLARIDADE
A	<i>Masculino</i>	<i>Goierê/PR</i>	<i>31</i>	<i>Casado</i>	<i>6ª Serie Ens. Fundamental</i>
B	<i>Masculino</i>	<i>Fortaleza/CE</i>	<i>17</i>	<i>Solteiro</i>	<i>5ª Série Ens. Fundamental</i>
C	<i>Feminino</i>	<i>Olinda/PE</i>	<i>27</i>	<i>Separada</i>	<i>2º Grau Completo</i>
D	<i>Masculino</i>	<i>Toledo/PR</i>	<i>25</i>	<i>Solteiro</i>	<i>1º Série Ens. Fundamental</i>
E	<i>Masculino</i>	<i>São B. do Campo/SP</i>	<i>28</i>	<i>Casado</i>	<i>Não Informou</i>
F	<i>Feminino</i>	<i>Campinas/SP</i>	<i>21</i>	<i>Casado</i>	<i>1º Grau Completo</i>
G*	<i>Feminino</i>	<i>Rio de Janeiro/RJ</i>	<i>68</i>	<i>Separada</i>	<i>4ª Serie Ens. Fundamental</i>
H	<i>Masculino</i>	<i>João Pessoa/PB</i>	<i>29</i>	<i>Casado</i>	<i>1º Ano Ens. Médio</i>
I	<i>Feminino</i>	<i>São Paulo/SP</i>	<i>28</i>	<i>Casada</i>	<i>3º Grau Incompleto</i>

* O entrevistado G, já foi artista circense e, hoje em dia atua como vendedor de pipocas e algodão doce do Circo Fiesta. Cabe ressaltar que este entrevistado não se encaixa dentro do perfil da pesquisa, uma vez que não se encontra atuando no espetáculo “Bagun S/A”, porém devido à pressão externa dos outros companheiros do Circo sua entrevista foi realizada, mas seus dados e discurso não servirão de base para compreensões de estatísticas, atitudes, gestos ou pensamentos.

1.2.1. As questões éticas no Circo

Tendo como tratamento o viés analítico-descritivo seguimos a ética científica referente ao estudo com seres humanos e o cuidado no trato com as informações de uma dada comunidade, desde a confecção do projeto, a escolha da amostra e as abordagens metodológicas na elaboração das entrevistas e questionamentos.

A priori, o efeito visionário da categoria de Circo Tradicional. Escolhido o objeto contatamos a administração do mesmo para autorização e dar conhecimento do intuito da pesquisa e da permanência do pesquisador na comunidade (Anexo I), uma vez

que não existia vínculo pessoal e/ou profissional, ou ainda outra forma de contrato entre o pesquisador e a realidade empírica do Circo Fiesta.

Dado o conhecimento do que trataria o estudo, logo prosseguimos com o recolhimento acerca da comunidade e seu universo munido do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexos II) enunciando os procedimentos, assegurando o anonimato, a confiabilidade das informações, o direito a não resposta a qualquer pergunta constrangedora, e, por fim, de se ausentar a qualquer momento, seguindo a rotina das atividades cotidianas.

Estas foram questões éticas pensadas na preparação das entrevistas (Anexo III) – um ambiente calmo e favorável à privacidade – porém, devido à disposição da comunidade estas foram em meio a transeuntes e crianças, ou seja, informações pautadas no discurso informal do ensaio, treino e trabalho.

1.3. As técnicas de coleta de dados e análises

A coleta realizada por um único pesquisador não assegura a total fidelidade, fidedignidade e uniformidade dos dados, pois a análise caracteriza a via de mão dupla em que a relação entre os sujeitos pertencentes a culturas diferentes possuem visões somente de similaridade. O que informamos é que a sistematização das entrevistas, a coleta, a análise e a síntese dos dados foram elaboradas a partir do trabalho de campo.

A observação participante representou o encontro entre as duas peças chaves – observador e observado – no qual ocorreu o entrelaçamento mútuo permeando as variadas questões presentes tanto no “estar aqui” e no “estar lá”¹³ (origem, gênero, escolaridade, práticas e treinamento/performance). Esse relacionamento não permaneceu linear, apresentando altos e baixos, entre aproximações e distanciamentos que, segundo Da Matta (1987) e Oliveira (1998), está na premissa de transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico, representando os receios e angústias no momento de relativizar cada cultura.

Elias (1997) fala de um instituto de pesquisas, como os na mídia, que pergunta às pessoas a respeito de suas práticas, suas intenções ou suas opiniões, que obtém respostas sobre a frequência das idas ao cinema, as intenções de voto ou a popularidade

¹³ Ver SILVA, V. G. **O antropólogo e sua magia**: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileira. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

dos políticos, mas sem que estes dados estejam em relação com o grau de implicação sentido pelos interessados.

Através desse autor questiona-se: eles teriam inventado uma resposta adaptada à situação para satisfazer o pesquisador ou para dar uma imagem de si mesmo segundo seu ideal? Ou eles investiram interesses e emoções na situação da pesquisa, convicções enraizadas que tiveram oportunidade de experimentar na vida real e que fazem parte de sua experiência familiar?

Da resposta a esta pergunta dependem o significado e a pertinência do resultado da pesquisa. Ora, esta questão que colore toda a vida social em função da intensidade dos afetos não é quase nunca abordada na metodologia das pesquisas e raramente nas problemáticas das ciências sociais. Ela permite dar sentido para diversos fenômenos, ao mesmo tempo familiares e pouco explorados que atingem tanto a relação dos homens com a natureza como desses com o saber.

Esse mesmo autor aborda o problema do desenvolvimento social do saber, embora não afirme, em sentido absoluto, o quanto estamos envolvidos ou distanciados, fala que o comportamento e as vivências situam-se numa escala entre os dois extremos. Para ele, a vida dos seres humanos entraria em ruptura caso os padrões de comportamento avançassem demasiado, quer numa quer noutra direção. Ou seja, a possibilidade de uma vida coletiva organizada baseia-se na combinação dos impulsos de distanciamento com os impulsos de envolvimento no comportamento e pensamento humano, impulsos esses que se controlam mutuamente. Eles podem entrar em colisão, lutar para atingir compromissos ou hegemonias e formar coligações em que estejam presentes nas diversas proporções e sob as mais variadas formas e em todas as suas variantes, contudo; é a relação que se estabelece entre ambos que determina o percurso do indivíduo (ELIAS, 1997)¹⁴.

A coleta de dados foi realizada quando o nosso objeto instalou-se na cidade de Araraquara, interior do estado de São Paulo, no mês de Julho de 2011 com o espetáculo “*Bagun S.A.*”. As apresentações foram realizadas no estacionamento do Shopping Jaraguá e se estenderam por quatro semanas de terça-feira a domingo às dezenove horas por uma hora e meia com intervalo de quinze minutos¹⁵.

¹⁴ ELIAS, Norbert. **Envolvimento e Distanciamento: estudos sobre Sociologia do conhecimento**. Lisboa: Nova Enciclopédica, 1997.

¹⁵ As possíveis relações político-econômicas presentes no acordo feito entre o Shopping Jaraguá e o Circo Fiesta são relevantes, porém para estudos posteriores, mas neste momento, não são o foco do estudo.

A inserção do pesquisador não se deu em período integral, mas ocorrida, entre as dezessete horas (17:00h) e as vinte e duas horas (22:00h), caracterizando pré, durante e pós espetáculo circense. Tal período de contato com o “outro” foi preconizado, em comum acordo com os administradores do Circo Fiesta e, satisfatoriamente, pois no período livre a comunidade circense apresenta outros afazeres de cunho particular, não sendo o objeto de estudo do pesquisador.

Desta forma, para o tratamento científico da escrita etnográfica, Andrade (2009) sugere que seja singular e particular do pesquisador o qual traz suas contradições pessoais e a bagagem apreendida no campo, por isso, para evitar qualquer equívoco nos discursos dos entrevistados, não foi realizada a correção dos erros ortográficos, conjugações verbais e supressão de interjeições presentes no cotidiano da comunidade circense.

Por fim, a sistematização, a análise e a síntese dos dados da pesquisa foram elaboradas e analisadas a partir de Categorias Analíticas, de forma a possibilitar a compreensão das representações sociais de corpo e sua relação com as subcategorias que compõem o universo simbólico do Circo.

1.3.1. Contratempus

Mesmo com o planejamento de pesquisa o percurso não é fixo, mas sim, flexível e sofre variações ao longo do processo. Encontramos adversidades em meio ao traçado escolhido, entre eles o processo de alteridade¹⁶ no que se refere ao contexto de uma cultura itinerante e distinta daquela do universo de valores do pesquisador.

Sabendo da receptividade de tal comunidade, ocorreram entraves denominados de “neurose”¹⁷. O envolvimento e a falta do distanciamento do objeto o impediam constantemente de fazer suas anotações sem embutir nela algum juízo de valor, fazendo com que criássemos mecanismos para negociarmos as condições da pesquisa, ou seja, no decorrer do trabalho de campo, foi observada receptividade e simpatia por parte dos entrevistados, muitas vezes, expondo-se mais do que o necessário.

¹⁶ EVANS-PRITCHARD, E.E. **Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

¹⁷ “Neurose” - pontuada por Evans-Pritchard ao estudar Os Nuer, grupo social da África Ocidental que havia sido estudado anteriormente por Malinowski. Trocadilho utilizado pelo autor para explicitar a dificuldade de relação do pesquisador com o “outro”, pautada não apenas em empatia, mas sim, pelos constantes métodos de “sabotagem” utilizados pelos grupos a serem estudados, culminando numa relação de negociação. Com este pensamento há uma distorção do ideal preconizado por Malinowski.

Essa exposição colaborou para a complementação e reafirmação da pesquisa pautada em fotografias, as quais representam o ambiente desses ‘exóticos’, uma vez que elas serviriam para o embasamento de seus discursos. Porém essa realidade não aconteceu da maneira planejada.

Por esta pesquisa ocupar-se de um objeto caracterizado pela expressividade, performance e movimentação corporal, a limitação das fotografias como recurso visual foi dificultado pela pouca nitidez e clareza dos registros de movimentos presentes na observação das técnicas abordadas. Em consequência disso, as fotografias elencadas, passaram por uma triagem e apenas nos possibilitaram ter um panorama geral da comunidade circense, sua ambientação familiar, profissional e social (a lona circense, o picadeiro, bastidores – atrás da cortina – e moradias) e não foram computadas como recurso auxiliar para a obtenção dos objetivos do estudo.

Os entrevistados, ao invés de terem receio de serem fotografados (Anexos IV) por uma pessoa estranha sondando suas intimidades e particularidades, ao contrário, foram solícitos e prestativos com o pesquisador e posavam constantemente para imagens. Portanto, indo ao encontro do que Geertz (1989) nos diz de que o papel do pesquisador, nada mais é do que o de um interessado temporário sobre a comunidade específica.

1.4. As categorias de análise

Como o Circo Fiesta está caracterizado como uma comunidade de múltiplos referenciais - de morada, de treino, de lazer, de trabalho, de espetáculo, de comércio, entre outros - realizamos a descrição de conteúdo prescrita por Bardin (1977) para compor as técnicas de análise de dados. Porém, evidenciamos limitações em Bardin (2009) na susceptibilidade metodológica para o crivo de determinados dados e complementamos apoiando-nos na Análise Interpretativa¹⁸ de Geertz (1989) e, para nos afirmarmos referenciamos nas teorias desenvolvidas por Orlandi (2000) em sua Análise do Discurso.

Por esse caráter plural de informações do ambiente circense, metodologicamente seguindo os autores citados, construímos categorias para o reconhecimento da realidade

¹⁸ Ver GEERTZ, C., **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução: Vera Mello Joscelyne. 6ª. Petrópolis: Vozes, 2003.

empírica para dar segmento ao entendimento das teias informativas formadas pelos atores, que neste caso tomamos como parâmetros de outros estudos em contextos similares (MAGNANI, 2004).

Em concordância com as técnicas formuladas e a partir da materialização teórica da pesquisa, a análise categorial¹⁹, por ser a mais antiga é também a mais utilizada, pois dela depreende-se a análise por temas otimizando e facilitando o trabalho das interpretações. A análise por temas desmembra o texto em unidades e estas em categorias seguindo suas analogias. As categorias analíticas constituem categorias culturais derivadas das análises teóricas que, neste presente estudo, são utilizadas para compreender a comunidade circense (DUARTE & BARROS, 2009).

Os sujeitos da pesquisa compuseram um conjunto heterogêneo de nove indivíduos do Circo Fiesta (Anexo V). Para compor a primeira técnica utilizada – a entrevista – dividimos em categorias, assim codificadas:

A categoria **Dados pessoais e Circo** partiu do prévio conhecimento dos atores envolvidos no estudo, assim como do conhecimento dos caminhos percorridos pelo Circo Fiesta segundo a visão de cada participante relacionado ao tempo dentro do Circo. Utilizamos esta categoria, especificamente como um panorama acerca da amostra do Circo Fiesta.

A categoria **Histórico/Performance** nos traz a trajetória do sujeito entrevistado, uma vez que, tratando dos aspectos da tradicionalidade nos remete a apreensão dos saberes e aos números performáticos dos espetáculos por ele participados.

A categoria **Corpo** vem revelar as representações de corpo dos indivíduos inseridos em um Circo Tradicional comparando os discursos com historiadores e sociológicos que debatem acerca da História do Corpo e Circo.

A categoria **Práticas corporais** vem evidenciar as performances corporais dos sujeitos, conjuntamente com o processo de aprendizagem circense e suas representações evidenciando a tradicionalidade do Circo.

A categoria **Atividade Física e Circo** temos em vista a análise do discurso do Treinamento e Performance dos indivíduos, de modo a relacioná-los com as práticas que os mesmos fazem das técnicas físicas que empregam.

¹⁹ Ver DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2.ed. – 3.reimp, 2009; BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

No decorrer do estudo, associado às entrevistas que realizamos, surgiram as primeiras conclusões sobre a realidade do Circo Fiesta, entretanto, esta se revela um continente de conhecimentos possibilitando despertar vocações à continuidade de outras pesquisas (incluída na categoria **Outros**), apesar do que, interessa aqui discutir o quanto os autores utilizados foram ensaísticos ou ideológicos, pois em sua maioria, cada um à sua maneira, não generalizando, revela o quão fundamental e mítico tem sido a busca da compreensão das comunidades circenses.

CAPÍTULO 2. O CIRCO E SUAS RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO FÍSICA.

Embora não seja o objetivo principal do estudo é de suma importância a contextualização histórica para entendermos a inter-relação do Circo e Educação Física, pois são áreas que não estão estanques e determinadas em começo, meio e fim, mas são fenômenos processuais. Levando em consideração análise do discurso e pesquisas, dialogamos acerca dos motivos, modos e formas nas quais estas linhas se ancoram. Assim, avaliando as aproximações, apresentamos os campos interpretativos e suas relações presentes na construção histórica do Circo.

2.1. A trajetória do Circo

CIRCO MARIMBONDO

Circo Marimbondo

Circo Marambaia

Eu cheguei de longe

Não me atrapaia

Vê se não me amola

Larga minha saia

Circo Marimbondo

Circo Marambaia

Se eu te der um tombo

Tomara que caia

Circo Marimbondo

Circo Marambaia

(NASCIMENTO; BASTOS, 1976)²⁰

A origem incerta do Circo é um fato o qual não se discute, há hipóteses que remonta do ancestral do homem que, extasiado com seu dia de caça farto, adentra em sua caverna aos pulos e saltos acompanhados por faces cômicas de alegria despertando em seus companheiros risos e gargalhadas (RUIZ *apud* TORRES 1998). Já Duarte (1995) acredita que ele data de 3000 a 3500 a.C na China, passando pelo Egito e Índia e atravessando a Roma Antiga.

Na China foram encontradas pinturas de acrobatas e contorcionistas enfatizando o treinamento de guerreiros, desenvolvimento das habilidades como agilidade,

²⁰ Entendemos que tal letra é um hino de amor àqueles que direta ou indiretamente relacionam-se à temática circense (publico, profissionais do circo e pesquisadores. NASCIMENTO, M.; BASTOS, R. Circo marimbondo. In: NASCIMENTO, Milton. **Geraes**. Rio de Janeiro: EMI/ODEON, 1976. 1 CD: digital.

flexibilidade e força. No Império Egípcio, os desfiles militares dos faraós exibiam publicamente animais ferozes, escravos e prisioneiros das terras conquistadas. Estes costumes difundiram-se até a Idade Romana, porém, devido a seus gestos e técnicas corporais serem considerados atos pecaminosos (por exemplo, ficarem de cabeça para baixo) por parte da Igreja, foram perseguidos e essa arte foi esvaindo-se substancialmente (DUARTE, 1995; TORRES, 1998).

Mais tarde, essa modalidade tomou gosto na China que, somado aos ideais de beleza e harmonia, originou o Festival da Primeira Lua, onde todos os anos seriam realizados espetáculos em que os moradores da cidade praticavam malabares com espigas de milho, saltavam e equilibravam grandes vasos com os pés (TORRES, 1998).

O Circo foi palco de grandes transformações, Torres (1998) aponta para a chegada das feiras populares²¹ e os diversos atores que antes eram reprimidos, passaram a ter um espaço para exibir seus corpos exóticos, truques ilusionários, malabarismos e fórmulas alquímicas, engolidores de fogo e assopradores de pólvora, animais domesticados, palhaços, bobos e aberrações humanas como mulher barbada, anões, gigantes, obesos e esqueléticos, deficientes físicos e outros.

Por consequência disso houve a destruição do Circo Máximo de Roma em meados de 70 a.C. e a adoção deste como política do Pão e Circo²². Tal política marca o desinteresse pelas artes circenses devido à inversão de papéis que os espetáculos apresentavam naquele momento, ou seja, as disputas, perseguições e batalhas sangrentas passaram a ser o auge dos eventos apresentados no novo espaço, denominado Coliseu²³, por volta de 40 a.C., caminhando para sua organização (SILVA, 1996).

Segundo Bortoleto (2003), com os primeiros indícios da organização estrutural circense, o Circo toma um formato similar ao que conhecemos atualmente. Philipp Astley, então oficial da cavalaria inglesa criou uma companhia de artistas (agrupando-os). Suas apresentações contavam inicialmente com grandes exibições equestres, fato que determinou o codinome de “circo de cavalinhos” inaugurando o primeiro Circo

²¹ As feiras populares permaneciam quatro meses, em média. Sua presença significava o crescimento do burgo (“cidade”) e isso atraía mercadores de diversas partes sinalizando exposição e divulgação.

²² Disponível em: www.suapesquisa.com/imperioromano/. Acesso em: 14 nov. 2012. Política decorrente do crescimento desorganizado da cidade e consequente surgimento de problemas sociais. Com o intuito de conter e alienar a população esse método oferecia aos sujeitos desempregados alimento e diversão.

²³ Era uma área dividida em pista, arquibancada e cavalarias onde ocorriam corridas de cavalos, combate de gladiadores, duelos entre homens, animais e duelos.

moderno²⁴ o *Astley's Amphitheatre*, grandioso espaço fixo contendo um picadeiro coberto com uma arquibancada próxima ao redor (SILVA, 1996; BORTOLETO, 2003).

Por volta do século XVIII, as constantes viagens dos grupos circenses faziam com que conhecessem outros lugares, em especial Inglaterra, França e Espanha, chegando até os Estados Unidos, que retirou o espaço fixo do Circo e o colocou sob as lonas, a qual dava maior mobilidade além de facilitar o processo de montagem e desmontagem do mesmo (TORRES, 1998).

A aventura itinerante com produções artísticas permanentes caracterizou o Circo como uma categoria de cenário, até então nunca sentida por seus adeptos, exibindo uma gama de características como o nomadismo, a tradição familiar, o uso de animais e aberrações, o uso da lona e picadeiro, enfim, muitas outras que lhe conferiram a denominação de Circo Tradicional, que serão abordados mais a frente (BORTOLETO, 2008).

Vimos, portanto, que a trajetória do Circo foi costurada no tempo e história e sofreu permanente influências de grupos sociais e pensamentos emergentes que imperavam nos determinados períodos históricos, colaborando para a formação, distinção e, posterior lapidação de seus vieses (discutidos no item 2.2.), com os quais o Circo mantém seu espírito de sobrevivência.

2.1.1. A trajetória do Circo brasileiro

O Circo brasileiro teve o seu início no século XVIII com a saída das famílias e companhias da Europa impulsionadas por acontecimentos políticos e econômicos desencadeados pelas migrações. Sem um percurso definido foram “obrigadas” a permanecer unidas pelos percalços das mudanças culturais e sociais. A formação grupal originou-se dentro das famílias e conhecidos, manifestando diferentes sentimentos e interpretações, inventando tradições coletivas numa reciprocidade mútua de consciência de unicidade (CASTRO, 2010).

Castro (1997)²⁵ *apud* Torres (1998) nos diz que estes grupos também foram compostos por ciganos, e sempre havendo ligação desses com o Circo, principalmente pelas particularidades como a doma de ursos, o ilusionismo e as exibições equestres.

²⁴ Posteriormente às grandes apresentações equestres, Astley trouxe a inclusão de saltimbancos e acrobatas em seu espetáculo, como forma de embutir dinamismo, diversão e entretenimento. Isto constitui a base do circo moderno (SILVA, 1996; BOLOGNESI, 2003).

Baroni (2006) revela que no Brasil os circos passaram a ter a denominação de Circo Tradicional ou Circo Família²⁶. Essa denominação veio a reafirmar a aproximação em grupos sob a lona e a ínfima relação com a sociedade. Para este autor, o Circo brasileiro consolida uma personalidade própria. As classes populares são as mais visadas e o palhaço posa como protagonista dos espetáculos²⁷, sendo que, o sucesso do Circo Tradicional/Família ainda está atrelado à performance do riso. A atuação do palhaço brasileiro permeia o lado extrovertido e expansivo do personagem, ao contrario do europeu, que apresenta uma característica introvertida e se utiliza das mímicas como forma de comunicação (BARONI, 2006).

Como território de aventureiros, essa instituição preza pelo espetáculo itinerante e seu local é o terreno baldio das cidades e vilarejos. Mantém permanente a característica “una”, se adequando ao gosto das populações locais, excluindo do seu espetáculo a rotina, exacerbando a aventura do desconhecido e incluindo tudo o que lhe gere o aplauso.

Segundo Bortoleto (2008) o sucesso do Circo Tradicional/Família advém do grupo de Giuseppe Chiarini, em 1834, denominado ‘circo dos tradicionais’, aonde o conceito vem a ser:

(...) o de pertencer aos primeiros grupos de europeus que por aqui chegaram; e a necessidade de se contrapor aos elementos “não tradicionais” que entraram no circo. Utiliza-se este conceito hoje como forma de distinguir a organização circense de “antigamente” da atual, de modo a atribuir certa importância ao papel circense que sofreu uma perda e mostrando, também, a nostalgia de uma determinada forma de organização do circo numa determinada época (BORTOLETO, 2008:193).

O nomadismo continua a ser preservado, uma vez que tais espetáculos são chamados e comprados (vendidos e contratados) para apresentarem-se nos mais diversos lugares e locais, e os componentes – artistas e composições teatrais são oriundas das mais diversas regiões e culturas do mundo. A busca da perfeição atlética, da forma do belo, do espetáculo familiar, de geração para geração, é sobrepujada na

²⁵ Ver CASTRO, A. V. **O circo conta sua história**. Museu dos Teatros – FUNARJ, Rio de Janeiro, 1997.

²⁶ Ver RUIZ, Roberto. **Hoje tem espetáculo? As origens do circo no Brasil**. Rio de Janeiro: INACECEN, 1987; SILVA, Ermínia. **O circo: sua arte e seus saberes: O circo no Brasil do final do século XIX a meados do XX**. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, Unicamp, 1997.

²⁷ BOLOGNESI, M. F. **Circos e palhaços brasileiros**. São Paulo : Cultura Acadêmica, 2009.; PANTANO, A. A. **A personagem palhaço: a construção do sujeito**. Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências, 2001. Dissertação de mestrado.

nova organização circense devido ao caráter capitalista que o mesmo incorporou na atualidade. Em prol da sobrevivência o circo se transformou em empresa.

Para (MAGNANI, 2004):

(...) puxar o fio da meada, o circo (...) modalidade tradicional de diversão, seja nas pequenas cidades do interior ou nos grandes centros, tem conservado sua feição e estilo inconfundíveis, apesar da influencia dos mais diversos fatores; os elementos que compõem seu espetáculo vão desde a antiga arte circense, até produtos da indústria cultural; e, finalmente, apesar da mobilidade que o caracteriza, procura sempre estabelecer vínculos com o público de cada bairro onde se instala (MAGNANI, 2004).

Atualmente, o Circo Tradicional carrega consigo peculiaridades que formam seu alicerce como os elementos que o mantém ‘vivo’: o nomadismo, a forma de organização familiar e sua forma de transmissão de saberes – o ensino de pai para filho. A própria contemporaneidade²⁸ do espetáculo, a qual remete a intertextualidade entre as diversas manifestações de arte da época, segundo Bolognesi (2003) confirmam que o nascimento do circo se deu da aglutinação da arte equestre e outros espetáculos da Idade Média – como as feiras e saltimbancos – proporcionando um espetáculo de liberdade, devido às variadas formas de linguagens, principalmente, do corpo e a habilidade do artista em manuseá-lo (BOLOGNESI, 2003).

A instituição circense no Brasil, mesmo trazendo resquícios europeus decorrentes do contexto imperialista, moldou-se e adaptou-se às novas terras e criou um estilo próprio e autonomia suficiente – ressaltando sua aproximação com a população ‘cigana’ que aqui residia – para dar prosseguimento ao seu novo processo de aculturação, no sentido de (re)configurações.

2.2. O Circo Contemporâneo²⁹ “versus” Circo Tradicional

Com a necessidade de diferentes recursos humanos, sempre houve a precisão de incremento na parte física e estrutural, ou seja, o Circo tinha que sair de locais abertos e praças, portanto aproximou-se das estruturas do Circo europeu, a qual se apresentava em locais fechados com a denominação de circo de tapa-beco, circo de pau-a-pique, circo de pau-fincado e, o comumente, circo-americano (SILVA, 1996).

²⁸ Contemporaneidade com sentido de atualidade, ou seja, arte que se manifestava em apogeu em determinada época e contexto.

²⁹ Também chamado de Circo Novo.

A partir de meados do século XX, devido à alta dos meios de comunicação de massa, houve um decréscimo da popularidade circense provocando urgentes mudanças nas formas de apresentação dos espetáculos. O Circo teve de se adequar e hoje, o espetáculo apresenta o “Circo Contemporâneo”, caracterizando um movimento recente que adiciona às técnicas de Circo Tradicional, a influência de outras linguagens artísticas como a dança, teatro e música (BORTOLETO, 2003).

Na evolução e proximidade da pós-modernidade ocorreu a ruptura com o “Circo de Cavalinhos”³⁰. Não há uma data precisa, porém em meados da década de 70, do século XX, em diversos países, o Circo Novo difundiu-se: Austrália com o Circus Oz, Inglaterra com artistas de rua, França com a Escola Nacional de Circo Annie Frattellini e Canadá com os ginastas (CASTRO, 2010).

O Circo Novo surge da influência das culturas advindas do nomadismo circense, entretanto, é fortalecido pelo avanço dos meios de comunicação de massa, da urbanização e da industrialização, portanto têm uma identidade híbrida³¹. Híbrida tanto no que se refere ao processo de formação do sujeito circense quanto da estrutura física da lona de Circo (CASTRO, 2010).

Quando se fala em formação dos artistas, Brasileiro (2008) e Baroni (2006) afirmam que eles são o resultado das escolas de circo e não mais das tradicionais famílias circenses. Em 1921, na URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), o Circo une-se à arte. Com a criação das escolas de circo, sob a tutela de diretores e atores de teatros russos, ocorre o contato das duas culturas – a teatralização do circo. A partir de então, novos espetáculos, novos aparelhos, enfim, novas formas de apresentação distintas das já vistas (BRASILEIRO, 2008; BARONI, 2006). Porém, somente em 1982, o grupo do *Club des Talons Hauts* foi o que realizou o primeiro espetáculo do até hoje famoso Circo Contemporâneo.

Impossível não pensar, quando se fala em formas novas de apresentação no *Cirque Du Soleil*, o qual partiu de aulas dadas por ginastas e acrobatas a grupos de artistas para apresentações na televisão canadense. Seu sucesso espalhou-se primeiramente pelo Canadá e depois para os Estados Unidos e, atualmente, a grande empresa de espetáculos, apresenta turnês em diversos países do mundo (BRASILEIRO, 2008).

³⁰ Denominação do Circo Tradicional na Antiguidade, referente à predominância das apresentações equestres nos espetáculos.

³¹ CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 2008; LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Editora 34, 2000.

A autora cita ainda que no Brasil, em 1977, surge a escola Piolin como difusora e, posteriormente, a Escola Nacional de Circo, no Rio de Janeiro, com a assunção das características da modernidade acentuando o caráter comercial em detrimento do cultural. Os grandes espetáculos circenses são regados com musicais, peças teatrais, incluindo as performances atléticas dos ginastas, preconizando mais a venda de ingressos do que levar ao público, o riso e o prazer advindos do encantamento e do lúdico. Esta imagem, o Circo Novo contrapõe ao Circo Tradicional (BRASILEIRO, 2008).

2.3. Aproximações das técnicas circenses e a Educação Física

Com a adesão cada vez maior das técnicas circenses³² por escolas, academias, escolas de circo, Organizações Não-Governamentais (ONG's) e instituições culturais/esportivas, vemos que elas não tem se limitado ao espetáculo circense. A presença do lúdico associado à capacidade de melhorias em nível físico tem exercido mais encantamento diante das pessoas que das técnicas que se apropriam. Notamos que o Circo tem se reinventado e, mesmo assim, atraído muitos fãs.

Historicamente, Takamori *et al* (2010) aproxima o Circo do conteúdo de expressividade da Educação Física, porém, diante da sociedade, ainda embutida de discriminação por ser considerada como atividade que visa o entretenimento e diversão em detrimento do processo educativo, principalmente.

Asseguramos que o pressuposto da origem do Circo está substancialmente atrelado ao surgimento da Ginástica, juntamente quando a Educação Física se anuncia na Ginástica Europeia. Ambas exerceram influência sobre a elite do século XIX, no que diz respeito ao conhecimento e incorporação dos Métodos Ginásticos.

A Ginástica na Europa, vista como expressão de cultura, mesmo que pautada sob os preceitos de diversão e passatempos populares, concebia os princípios de ordem e disciplina advindos dos exercícios militares. Porém, de forma a adaptar-se ao mundo moderno, concorria a se afastar do caráter lúdico para se efetivar definitivamente e adquirir a cientificidade necessária para tornar-se a Educação Física de hoje (SOARES, 1998).

³² Disponível em: <http://www.guiadicas.com/troque-a-academia-por-exercicios-de-circo/> - Acesso em: 15 Set 2011.

Se, e somente se, após tal rompimento, a Ginástica passa a ter credibilidade no que se refere à:

[...] ciência fundamentada de nossos movimentos, de suas relações com nossos sentidos, nossa inteligência, nossos sentimentos, nossos costumes, e o desenvolvimento de todas as nossas faculdades. A Ginástica abarca a prática de todos os exercícios que tendem a tornar o homem mais corajoso, mais intrépido, mais inteligente, mais sensível, mais forte, mais astuto, mais desembaraçado, mais veloz, mais flexível e mais ágil e que nos dispõem a resistir a todas as intempéries das estações, a todas as variações climáticas; a suportar todas as privações e contrariedades da vida; a vencer todas as dificuldades; a triunfar sobre os perigos e os obstáculos; a prestar, enfim, serviços de destaque ao Estado e à humanidade. A beneficência e a utilidade pública são o objetivo principal da ginástica; a prática de todas as virtudes sociais, de todos os sacrifícios, os mais difíceis e os mais generosos são os seus meios; a saúde, o prolongamento da vida, o aprimoramento da espécie humana, o aumento da força e da riqueza individual e pública são seus resultados positivos (AMOROS, 1838 *apud* SOARES, 1998).

Portanto, a Educação Física abandonou as manifestações artísticas, em especial o Circo, para se fundamentar e mostrar a existência indelével de que hoje é uma profissão para poder ser sistematizada e aceita perante a sociedade e, independente do lugar que está, é aceitável. Assim, tendo como elementos lúdico, expressivos, performáticos e comunicativos, na manipulação simbólica do corpo, o Circo contribuiu fortemente com o campo científico da Educação Física desde o aspecto propriamente corporal, psíquico e, principalmente, social.

Com base nisso vemos que, segundo De Gaspari & Schwartz (2007), as práticas corporais advindas da atividade física são capazes de proporcionar vivências que poderão contribuir à alteridade dos indivíduos, como também, no processo de auto-observação de Bolognesi (2001) que traz a ideia de que a manipulação corporal do sujeito do Circo é a matéria prima do espetáculo.

Silva *apud* Baroni (2006) debatem a forma que o corpo é descrito no interior do Circo e da Educação Física e, afirmam que não se trata de corpos habilidosos ou não, mas sim, de corpos que se expressam. O autor preconiza que as atividades circenses causam alegria e diversão, expressão e comunicação, afetividade e criatividade, sensibilidade, beleza e linguagem; ao contrário do corpo bom ou mal, técnico ou não, ditados pelos padrões esportivos da Educação Física que incluem também outras manifestações como dança e ginástica.

Portanto, observa-se a visibilidade que a arte circense tem tido atualmente, comprovada pela sua característica uma salientada pelos constantes estudos.

2.3.1. O circo e o processo de treinamento

Como será explicitado no próximo capítulo, várias foram as estratégias criadas para legitimar e direcionar o controle do corpo, desses conhecimentos. Os relacionados ao esporte e as expressões corporais são as formas mais contemporâneas da estruturação da corporeidade, porém as técnicas que surgiram não são inovadoras, partem de princípios antigos que remetem às ideias de Platão e outras práticas esportivas, como na Era Vitoriana inglesa e na América puritana a partir de 1950 (COURTINE, 1995).

O treinamento de uma forma geral é entendido como as ações pretendidas e específicas a um objetivo final e na atividade física e esporte, orientados para busca de um rendimento ótimo. Esse rendimento ótimo é atingido pelo processo de treinamento que deve ser controlado e detalhado de modo a propiciar ao seu objeto – o corpo – um descanso e estímulo adequados conferindo-lhe uma supercompensação frente aos períodos de estresse a que é submetido (VAZ, 1999).

Segundo Vaz (1999) o esporte tão presente nos dias de hoje, pelo princípio do rendimento, nos mostra quanto esportivizada é a sociedade e o quanto suas práticas reforçam as identidades construídas. Assim, torna-se fenômeno social de alta complexidade, apresentando diversas análises, e o enfoque sobre seu treinamento é importante, pois nos remete a ideia de um procedimento de sacrifício que ele apresenta (VAZ, 1999).

Inicialmente, os jogos e as atividades físicas foram instituições que se pautaram como uma forma lúdica e simbolicamente representaram um povo ou país, firmando-se verdadeiramente como um “*ethos*”³³.

A comunidade³⁴ circense, individual ou coletivamente, busca se aprimorar e evoluir em qualquer dos seus campos de atuação: familiar, profissional, afetivo ou político, mas através da prática de atividades físicas e/ou esporte há um incremento essencial ao ser humano, que é a premissa da diversão ou lazer (HUIZINGA, 2010).

³³ MERTON, R. K. Os imperativos institucionais da ciência. In: DEUS, J.D. (org). **A crítica da ciência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979; KUHN, T. A. A função do dogma na investigação científica. In: DEUS, J.D. (org). **A crítica da ciência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

³⁴ BUBER, M. **Sobre comunidade**. São Paulo: Perspectiva, 1987. (Coleção Debates).

Sem dúvida uma das principais referências para este debate é Huizinga (2010), que identifica o lúdico em diferentes esferas da vida social, considerando-o, fundamentalmente como jogo, uma atividade livre, não séria, mas absorvente para o jogador, desligada de interesses materiais e praticada de acordo com as regras de ordem, tempo e espaço, e cuja essência repousa no divertimento. Para este autor, o lúdico transcende às necessidades imediatas da vida social, possuindo um significado em si mesmo, na medida em que constitui uma realidade autônoma. Acredita ainda que o jogo ultrapassa a dimensão humana, pois é fato mais antigo que a cultura e não exclusivo às suas condutas, produções e comportamento. O lúdico, portanto, é parte integrante da vida em geral, possui um caráter desinteressado, gratuito e provoca evasão do real.

Tal excerto exemplifica, portanto, que em qualquer faixa etária ou em qualquer sociedade do mundo, a busca pelo prazer e diversão é parte inata do ser humano (HUIZINGA, 2010).

Consolidadas em meio ao crescimento e evolução das sociedades, as atividades físicas e práticas esportivas acabaram por propiciar, no final do século XX, o que Mocarzel (2011) e Tubino (1990) chamam de “*Homo Sportivus*”, que representa a busca por aptidão física ou a própria consciência de visão saudável que tais atividades propiciam, sejam elas impulsionadas por modismos, por performances ou outros motivos. Revela também que assim como as artes marciais concebem os países do Oriente (MOCARZEL, 2011), o Circo também possibilita tal representatividade de uma comunidade.

Nesse sentido, as aproximações entre Circo e atividade física se dão através da ênfase abordada no quesito treinamento de ambas. Com a necessidade de provar-se cientificamente ante a sociedade, a Educação Física afastou-se da ludicidade, criatividade e uso de jogos advindos dos treinamentos e espetáculos circenses para firmar-se como ciência capaz de formar corpos sadios e úteis. Portanto, observamos que as técnicas utilizadas para treinamento, no Circo e na Educação Física divergem, respectivamente, para o treino por meio de jogos e entretenimento e àquele calcado por práticas físicas focado na perfeição e busca do rendimento.

CAPÍTULO 3. QUE SUBAM A LONA PARA O ESPETÁCULO DO CORPO

A igreja diz: O corpo é uma culpa.
A ciência diz: O corpo é uma máquina.
A publicidade diz: O corpo é um negócio.
O corpo diz: Eu sou uma festa.
(GALEANO, 2007:138)

O Circo está ligado a natureza e a cultura de uma comunidade específica e nos remete à interpretações em vários segmentos. Ao revelarmos o espetáculo do corpo no circo afirmamos que não se trata apenas de um corpo físico e biológico de carne e ossos, mas compõe um repertório de sentido e significado³⁵ constituindo-se um *lócus* sensorial de ações afetivas e emocionais.

Subjetivamente, o corpo ao relacionar-se com o público produz sentidos que vem a representar um mundo simbólico distinto de si próprio. O olhar de fora faz deste corpo um lugar de identidades múltiplas prováveis de serem lidas por uma cultura. A sensação de presenciarmos a experiência torna-nos parte do espetáculo, ou seja, ao nos encontrarmos nós encontramos a si mesmos, pois somente temos e achamos sentido nas coisas quando percebemos a presença dela em nós. Assim, as compreensões que temos de corpo é que ele se camufla e (re) modela às diferentes perspectivas de nossas vidas, pois “*nós somos um corpo e não temos um corpo*” (DAOLIO, 1995; MERLEAU-PONTY, 1999; MEDINA, 1987).

Portanto, perpassando pelo caminho da fenomenologia que, segundo Moreira (1995), transita pela Sociologia e Antropologia, afirma-se aqui, a capacidade deste estudo, em possibilitar ao observador captar variados ângulos para análise do fenômeno no momento em que se desenrola o *zoom* da câmera fotográfica, ora focando e desfocando o objeto observado (MOREIRA 1995)³⁶. Enfim, sabendo que o corpo não é uma temática recente cabe-nos entendê-lo no Circo Fiesta, compreendendo as incorporações que ele tem nesta jornada.

³⁵ Ver DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, Papirus: 2001.

³⁶ Ver MOREIRA, W. W.(org.) **Corpo Presente**, Campinas: Papirus, 1995.

3.1. A construção de corpo no tempo

Assmann (1993) pergunta-nos:

Quantos corpos sucessivos ou simultâneos nós já tivemos ao longo da história humana? Não é verdade que, em um sentido muito real, temos imensa dificuldade em ser nosso corpo, porque nos inculcaram de mil maneiras, que temos tal ou qual corpo? (ASSMANN, 1993:04).

Considerando o panorama universal em que o personagem corpo está inserido, procuramos entendê-lo observando as várias intercorrências pela qual passou no decorrer do tempo, construindo uma visão própria para o entendimento do estudo do corpo no Circo Fiesta.

O corpo emerge, na Antiguidade Clássica, nos constantes conflitos da natureza do homem, dividindo-o ao invés de apreendê-lo como um ser total. Apesar de imbricados em diversos povos, merece destaque a sociedade grega, assim como seu pensamento e visão da realidade, o qual enxergavam-no diferentemente dos demais. Apesar das constantes batalhas³⁷, a cultura grega evolui em decorrência dos filósofos e pensadores, que direcionavam a vida dos indivíduos à cultura (SOARES, 2004).

Carmen Lucia (2003,2004) destaca as figuras de Sócrates e Platão: o primeiro, por dar ênfase nas questões da alma em detrimento do corpo propriamente dito, tornando a máxima “*conhece-te a ti mesmo*” o lema grego naquele contexto e; o segundo, reforçando a linha dual socrática, concebe à alma/espírito a perfeição – mundo das ideias – e ao corpo a imperfeição – mundo sensível –, portanto Platão pensa numa inferioridade do corpo em relação a alma, segundo Fontanella (1995).

Aristóteles utilizou-se dos estudos advindos de Platão para complementá-lo e dizer que corpo e alma são inseparáveis³⁸ e constituintes do que é o homem, ou seja, Aristóteles metaforiza tal ideia dizendo, o piloto alma é quem comanda a nave corpo. O pensamento dualista difundido pelos gregos adentra na sociedade colaborando para que ele cinda e dê início às desigualdades sociais e econômicas, geridas pela sobrepujança das forças de trabalhos de uns ante os outros – nobreza sobre escravos. O apogeu grego entra em crise e uma nova força emerge: Roma Antiga e a Idade Média.

Este Império veio perpetuar a dualidade e afirmá-la em outros campos – o trabalho, por exemplo, ou seja, sendo um povo guerreiro prezam pelo não trabalho,

³⁷ A de maior expoência foi a guerra política, econômica e intelectual entre Atenas e Esparta.

³⁸ Ver ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

trazendo à tona outro dualismo: o trabalho e ócio (SOARES, 2003, 2004; SANTIN, 1987)³⁹.

Segundo Corbin, Vigarello e Courtine (2008), a Idade Média foi um período efervescente caracterizado por convivência conflituosa entre opostos – a vida *versus* a morte, o sagrado *versus* o profano, enfim, corpo *versus* espírito –, dualidades que se perpetuariam até o século XV. Na Idade Média, a filosofia cristã e o Cristianismo, após três séculos, ganham força e favorecem a decadência do povo romano. O Cristianismo trouxe através de uma antropologia menos ortodoxa⁴⁰, uma visão de corpo na qual a alma – passível de ser pecadora – deve ser redimida através das torturas pelas quais o corpo passava. Assim, embutiu-se ao corpo a descarga negativa provinda da religião cristã, reafirmando a influência que ela exercia sobre o âmbito social do homem medieval (CORBIN, VIGARELLO & COURTINE, 2008).

Por outro lado, ao mesmo tempo em que o corpo é castigado pelas ações da alma, ele é o cerne da identificação do indivíduo perante o mundo, ou seja, carrega as marcas corporais que o circunscrevem na sociedade (GONÇALVES, 1994).

A expansão dos burgos e a formação dos Estados inauguram um novo período, a Idade Moderna, na transformação da concepção de mundo quando um novo olhar sobre o corpo se estabeleceu. Abbagnano (2007) destaca que a dualidade se dá:

(...) no abandono definitivo do conceito de instrumentalidade do corpo no Cartesianismo. Crê-se comumente que a separação instituída por Descartes entre alma e corpo como duas substâncias diferentes, tenha tido como consequência, estabelecer a independência da alma em relação ao corpo (ABBAGNANO, 2007: 196).

O corpo e suas práticas estão respaldados na racionalidade subjetiva e seu processo de subjetivação, presentes no individualismo e inseridos à universalização dos valores e condutas, culmina nas variadas formas corporais do mundo Ocidental. Esse período denominado Modernidade foi marcado pela destruição das ordens antigas até então vigentes (VIGARELLO, CORBIN & COURTINE, 2008).

Para esses autores, a Modernidade se opera com a transformação do ser humano em um objeto de pesquisa, de acordo com os direcionamentos impostos na sociedade e as disputas de poder em jogo. Nesse meio, ligados ao processo de Revolução Burguesa

³⁹ Vale ressaltar que a crise não se estendeu ao nível intelectual, pois a mesma continuou a disseminar seus intelectuais por toda a região, inclusive, sendo adotado pelo próprio Império Romano, o que inclui o pensamento sobre corpo.

⁴⁰ Ver Veyne, (1991:219) quando diz “*da antropologia menos estreita (...) que inventou através dos Salmos*”.

e Industrial, a ciência recai sua visão sobre as práticas corporais com a expansão da medicina privada e a medicina social, de modo que suas análises demonstram a popularização do corpo, a partir dos novos estudos e da produção científica. As tendências assépticas são preconizadas e inseridas na filosofia do positivismo, a qual é reforçada pelo método de Comte, que reforça a materialidade do mundo, a ausência de emoções, imaginação e argumentação. Assim, esse tipo de ciência é que vai dar embasamento às ações no âmbito de corpo individual e social, a partir do século XIX. (VIGARELLO, CORBIN & COURTINE, 2008).

Desses desdobramentos, aliados a nova ordem mundial, é que vão conferir ao corpo e sua natureza, um grau de materialidade que influenciarão o pensamento social, filosófico e científico e, as formas de utilização desse corpo em diferentes contextos históricos veio culminar em uma estigmatização, principalmente, influenciados pós Idade Média, aonde a dualidade veio corroborada ao fato do corpo sofrer as consequências da alma impura – evidenciando a contrariedade ao cartesianismo proposto por Descartes.

Vale ressaltar que essa visão não veio a eliminar os pensamentos corporais existentes, mas sim, conviver com elas, inserindo outras correntes com o intuito de ampliar as discussões sobre o corpo, de forma total na Idade Contemporânea.

3.1.1. O corpo estigmatizado

Goffman (1963) ao discursar sobre estigma afirma que pertence a uma situação de inaptidão, inabilidade ou incapacidade de aceitação social plena, justificada por características físicas, sociais, raciais, sexuais ou mesmo por crença religiosa, usadas para marcar ou excluir da sociedade.

(...) Acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida: construímos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social (GOFFMAN, 1963:15).

Em *Sociologia do Corpo*, David Le Breton (2006), vai ao encontro de Goffman (1963), ao elucidar que o indivíduo ou grupo estigmatizado é visto pela sociedade, uma vez que não consegue se camuflar ou esconder-se no momento em que os processos

identitários se esvaem como incômodos. O grau de aversão é diretamente proporcional ao grau de evidencia da característica e, dessa maneira, “*a simples presença física do ‘deficiente físico’ ou ‘louco’ perturbam a regularidade fluída da comunidade. Proibindo o corpo de circular, suscita o afastamento e o corte da comunicação com a sociedade*” (LE BRETON, 2006: 50).

Durante a Idade Média, acreditava-se que o discurso do louco era permeado de mentiras e verdades, ou seja, suas palavras não tinham crédito, mas também trazia verdades nunca ditas e previsões futuras e, mesmo assim, ele era excluído. Ao tratarmos de banimento ou exclusão, Foucault (1996) traz o termo “interdito” no processo de comunicação e relacionamento e revela que o indivíduo não tem o direito de dizer tudo o que lhe vem a cabeça. De acordo com Le Breton (2006), a pessoa fica deslocada sem *locus* na classificação como indivíduo, sempre no meio-termo, representando um leque de “nãos”: não possibilidade, não direitos e não deveres, mas que não avexa a sociedade por completo.

Os estigmas tornam-se impregnados quando o ser humano é entendido na singularidade e, diante da impossibilidade de se desfazer o que já foi rotulado – as pessoas estigmatizadas – acabam assumindo o que foi imposto coletivamente e reconhecidas por sua particularidade pejorativa. Citamos os circos e feiras dos séculos XVII e XIX nos chamados “show de horrores” onde o corpo deformado (corpo monstro⁴¹) era apropriado ao indivíduo e a deformação vinha a título de aceitação do público, dialogando assim com os processos de interação que Goffman nos diz, ou seja, o autor não abarca a divisão universal e particular, mas sim a lugar da ação com a experiência interacional que o corpo obtém em um contexto próprio (SANTOS, 2009).

O autor inicial ainda nos revela que o sujeito estigmatizado ao executar os mesmos gestos e técnicas de uma tarefa feita por outrem, vem a causar espanto e receio frente aos demais, pois direta ou indiretamente, consciente ou inconscientemente, há uma projeção importante que é o conceito sobre si (GOFFMAN, 2003).

Antigamente nos circos e hoje, nos programas de televisão, há a exposição de problemas pessoais dos indivíduos na tentativa de garantir seu conforto e estabilidade, no entanto, aflora a incapacidade e, muitas vezes, reafirma a anormalidade diante da sociedade explorando imagens, enaltecendo dramas e evidenciando anormalidades e limitações físicas e mentais.

⁴¹ Segundo Jean-Jacques Courtine (2008) essa palavra insere-se no campo da realidade e seu derivado – monstruoso - à um discurso colocado no campo subjetivo, representação.

A forma de pensar o corpo é de suma importância para a criação de (re)significados. Se o corpo for mostrado pejorativo e de forma repulsiva pouca possibilidade tem de reverter o quadro exposto, assim o esperado, em nível de caráter e conduta, é que o esquema configurado favoreça o estigma. Tal transposição também equivale no âmbito circense.

3.1.2. A disciplinabilidade do corpo

(...) um dos maiores empreendimentos de Foucault foi sua habilidade em isolar e conceituar o modo pelo qual o corpo se tornou componente essencial para a operação de relações de poder na sociedade moderna (DREYFUS & RABINOW, 1995: 125)

Quando nos referimos ao corpo como um ser integral, conseqüentemente, nos deparamos e culminamos suas análises para as relações de poder, tanto em meio a violência ou coerções quanto suas formas de produção de saber. Michel Foucault, maior expoente, fomenta estudos em que o corpo envolvido em relações e inserido em distintas instituições recebe implicitamente formas impositivas. Esses processos de subjetivação passam então a ser reconhecidos, a partir do momento, em que se entendem os mecanismos sociais e tomam o corpo como campo para a execução das relações de poder.

Em seu livro *Vigiar e Punir*, de 2000, Foucault discorre acerca das formas de punição, primeiro pela submissão a quem exercia o poder e, em um segundo momento, camuflou-se nas instituições e nas ações sobre os corpos. Para o autor, o objeto do poder **é o corpo quando** atinge a realidade concreta dos indivíduos. Os **procedimentos técnicos do poder sobre o corpo** são: controle detalhado e minucioso de gestos, atitudes, comportamentos, hábitos e discursos. Os efeitos do poder em termos negativos são a exclusão, repressão, recalque, censura e outros. O poder, em sua **positividade**, tem como alvo o corpo humano não para supliciá-lo, mutilá-lo, mas para aprimorá-lo, adestrá-lo. O corpo só se torna força de trabalho quando trabalhado pelo sistema político de dominação característico do poder disciplinar.

Tais procedimentos partem do pressuposto da origem do corpo, ou seja, de sua tradição e, conseqüentemente, essas ligações socioculturais serão impressas nesse corpo. Baseado nisso é que, por um lado, temos uma origem/tradição que nos direciona e está presente em nosso corpo e, do outro, estão as experiências atreladas às relações de

poder, saber e suas técnicas próprias. Essas técnicas são ríspidas e severas a ponto de limitarem o sujeito por meio de normatizações, tornando o corpo mais dócil e eficiente (FOUCAULT, 2000).

Assim, surgem formas de aperfeiçoamento das forças corporais – economia de energia – e, diminuir tais forças a ponto de que estas não ofereçam resistência à disciplina, ou seja, com a disciplinarização aparece um exercício sobre o corpo. Entretanto, há um afastamento da criticidade criada pela disciplina, transformando-a em submissão. Foucault (2000) nos diz então que é aumentos de aptidão e submissão do corpo são estabelecidos através da coerção disciplinar e, para alcançar um panorama que não se queira modificar, cabe ao corpo cumprir as regras do contexto.

Aqui, a inserção de Csordas (2008) ao apoiar-se em Foucault (2000) por meio de sua base histórica é relevante, pois nos traz um panorama do corpo como argumento e objeto de poder. O corpo passa a ser entendido como um objeto que pode ser utilizado de diversas formas e de acordo com a demanda de sua formação – ‘disciplina’. Essas ações que agem sobre esse corpo, segundo Foucault, ocorrem em diferentes esferas e instituições sociais, as quais disciplinam e dominam os indivíduos na sociedade.

Portanto, podemos afirmar que, atualmente, há um poder que está presente no corpo e age sobre ele de maneira pungente e, desse modo, não há como fugir das falas e dualidades já inculcadas. O certo *versus* errado e moral *versus* imoral presentes na sociedade colaboram para a percepção da importância de alguns corpos em detrimento de outros, da marginalização de uns e a espetacularização de outros.

Assim, na atualidade, o corpo passa a ser ambíguo, haja vista que, ao mesmo tempo em que é idolatrado, deixa os holofotes passando a ser um corpo mercadoria, objetificado e capitalizado, contribuindo desde metade do século XX, para o crescimento das práticas corporais evidenciando o culto das atividades físicas e outras manifestações, como o Circo.

3.1.3. Contribuição de Mauss e Bourdieu aos estudos corporais.

Marcel Mauss foi o precursor dos estudos sobre os movimentos corporais subordinados à cultura afirmando que o corpo não diz respeito unicamente ao indivíduo, mas primeiramente advém da existência social. As formas que esse corpo assume ao caminhar, correr, saltar, e outros, variam de cultura para cultura conceituando ‘técnicas

corporais'. O autor alia os gestos corporais predeterminados pelas experiências do indivíduo com a tradição; para ele as ações e atitudes do indivíduo nada mais são do que os modos de ser das vivências anteriores e costumes (MAUSS, 2003).

Mesmo se mantendo a dicotomia corpo e mente; focando no homem sua instrumentalidade; Mauss elevou a categoria corpo a um *status* reflexivo, analisado exteriormente, tal qual seja, evidente sua passividade diante de sua utilização.

Na mesma linha das técnicas corporais, Bourdieu (1997) esclarece que o corpo é algo exposto às influências pelo *habitus* que inclui a possibilidade de resposta se tornando social ao expressar atitudes internalizadas provenientes das necessidades da sociedade. A posição e classe pertencentes à estrutura social, no período histórico em vigência, respondem de formas adequadas a determinadas situações e, desse modo, Bourdieu (1997) define que o *habitus*

(...) nos permite fugir a alternativa mortal e, ao mesmo tempo, superar a oposição entre realismo, para o qual só existe o indivíduo ou o grupo como conjunto de indivíduos, e o nominalismo radical, para o qual 'as realidades sociais' não passam de palavras. E logra tal resultado sem hipostasiar o social numa entidade como a 'consciência coletiva' durkheimiana, solução falsa de um problema verdadeiro: é em cada agente, logo em estado individuado, que existem disposições supra-individuais capazes de funcionar de maneira orquestrada, ou melhor, coletiva (...) (BOURDIEU, 1997:191).

Temos então, que um episódio em si, sem importância, não gera modificações valorativas no indivíduo, mas sim, é dependente de rearranjos internos deste para benefícios de conduta, assim há uma via de mão dupla, no sentido de que para agir sobre a sociedade esta também interfere diretamente sobre ele, construindo-o como indivíduo.

O corpo e o mundo interagem entre si, tornando-se um só e, para compreendê-los, as estruturas dos agentes são constituídas das estruturas do mundo, o corpo está no mundo social e o mundo social está no corpo.

As formas de pensamento de Bourdieu confirmam que o corpo é instrumento de compreensão do mundo aproximando a dualidade sociedade e indivíduo, conseqüentemente, mente e corpo, definindo como agente primordial da expressão de cultura o *habitus*, em meio às práticas sociais e, esta impregnada de sentido no próprio corpo.

3.2. Contribuições da Fenomenologia – pela teoria da “embodiment”⁴².

A Fenomenologia data do final do século XIX e início do século XX e, conceitualmente refere-se ao estudo dos fenômenos, não com a mesma visão das Ciências Exatas, mas os fenômenos vividos da consciência, suas ações e atitudes, ou seja, ciência que descreve com rigor o ser nele mesmo, preocupando-se com as vivências do corpo (LYOTARD, 1967; GONÇALVES, 1994).

Da necessidade de utilizarmos a abordagem fenomenológica como forma, conteúdo e consistência, preconizamos inicialmente os conceitos do marxismo. Marx utilizou-se do materialismo histórico para contrapor-se ao cartesianismo e falar dos corpos nas relações sociais de trabalho. Ao demonstrar as desigualdades sociais existentes nas relações trabalhistas, ele afirmava ter desigualdade entre os corpos; ou seja, é na força produtiva que vemos mente e corpo unidos em homem durante o trabalho (GONÇALVES, 1994).

Retirando do foco o humano do homem e colocando sob os holofotes a força dele, Marx propicia a objetificação do corpo, tornando-o produto subjugado à base de trocas e evidencia que o corpo capitalizado pela dominação e alienação, tem o papel de produzir corpos sadios para o trabalho (MEDINA, 1990).

Para sustentar a teoria fenomenológica, Marx destoando de Descartes, trouxe ao corpo a totalidade que precisava para conseguir ser visto como integral, assim como possibilitou enxergar determinados condicionantes, no caso, o econômico, das concepções de mundo e das práticas corporais.

Presenciamos a subjetividade aderida ao processo, o olhar para o que é vivido da forma como ele é vivido. Marx enxerga o sujeito de forma a reconhecer como ele se “conhece em si mesmo”, desvelando peculiaridades que o tornam ser único e, assim traz um novo olhar ao corpo, não mais carregado de importância a um ou outro, mas uma paridade entre corpo sujeito e corpo objeto, estabelecida pela relação de determinações existentes entre ambos. Essa aproximação culmina em uma ruptura no campo científico, marcada pela categorização entre objetivismo e idealismo. Este último possibilitou a mudança do objeto para fora/exterior, distanciando o sujeito e criando uma existência anterior a ele (GONÇALVES, 1994).

⁴² Atenção para a tradução da palavra “*embodiment*” para o português. Dependendo do autor traduzem de uma forma: corporalidade, corporificação, corporeidade. Nesta pesquisa utilizaremos a preconizado por Thomas Csordas no livro “*Embodiment and Experience*”, traduzido como “Corpo/ Significado/ Cura, de 2008.

Diante disso, várias correntes de pensamento foram aparecendo dentro de uma mesma, ou seja, temos vários autores que (re) elaboraram a “sua” definição para o estudo da Fenomenologia, entre eles Merleau-Ponty, com a *Fenomenologia da percepção*, Thomas Csordas em *Corpo, significado, cura* e o *Processo Civilizador*, de Norbert Elias. Os autores apresentam um ponto de vista inédito sobre o corpo, ou seja, não há outra forma de conhecê-lo senão vivê-lo, abandonando a ideia de considerá-lo como coisa ou objeto.

Já Rodrigues (1975) entende que a linguagem corporal como uma forma de expressão ou de comunicação e é assunto da Sociologia, pois “*tudo o que for expressivo no corpo, tudo o que comunicar alguma coisa aos homens, tudo o que depender das codificações particulares de um grupo social, é objeto de estudo sociológico*”. Dessa forma, é por meio da relação sujeito (aqui como corpo) e sociedade (meio) que surgem implicitamente determinadas regras e normas que cercam esse corpo, moldando-o de acordo com alguns preceitos pré-concebidos e característicos de determinados tempos.

3.2.1. A temporalidade elisiana nas Representações Sociais.

O circo, por muito tempo, foi uma das formas de mostrar o corpo performático, acrobático e hilário como meio de entretenimento coletivo. Assim, temos que o corpo se adaptou ao meio circense embutindo para si toda a cultura da modernidade, comunidade a qual está inscrito.

Nessa mesma perspectiva de indissociação dos corpos – indivíduo e sociedade – Norbert Elias em sua Sociologia Figuracional, afastando-se da estaticidade das configurações, aproxima-se da forma processual, macro e micro, procurando dar continuidade aos fenômenos embasados nas (re)construções que estas têm no tempo e no espaço.

Tempo. Palavra difícil de conceituar, porém o pensamento elisiano enxerga-o intrinsecamente associado às modificações sociais definindo-o como uma evolução da sociedade, pautada na capacidade do ser humano de interpretação e representação. Vimos tal excerto na metáfora presente na música “Veio do Tempo” (George Israel e Paula Toller), do grupo Kid Abelha (2001) quando diz:

Eu continuo correndo,
Eu continuo fervendo,
Eu continuo querendo,
Tempo...

O saber/vivenciar produzido através das novas configurações sociais não significa apenas, em nível de tempo, os avanços ou retrocessos, mas o modo a melhorar e elucidar mudanças acontecidas ao longo da sociedade em um tempo específico, tempo este corroborado pela ânsia do viver/experienciar o que ainda não se viveu. Isso é evidenciado por Elias (1994) quando da falta de teorias que consigam explicar os processos advindos das mudanças na sociedade a longo prazo.

Kowalski (2012) exalta que os questionamentos de Elias partem da mudança de uma realidade móvel, que vai além da percepção da existência da estaticidade, culminando numa teoria que estuda os processos de longa duração. A noção de civilização está associada ao conceito de configuração a qual enfatiza as transformações na forma organizacional da estrutura societária aliado às mudanças comportamentais e cognitivas distanciando do monismo metodológico da dicotomização. Enfim, as vivencias sociais são historicamente construídas, e a busca pelo equilíbrio na sociedade é uma constante, por isso, a noção de civilização é espacial, universal e atemporal, pode ir e vir, continuar e descontinuar, avançar e retroceder (KOWALSKI, 2012).

Elias argumenta que o ser humano internaliza determinadas normas, tanto a nível coletivo quanto individual, pautando suas relações pela incorporação cultural no decorrer de sua vida, salientando que a noção de civilização é variável em distintas nações, porém apresenta tópicos comuns como o controle emocional, anexação de regras/conduitas, observação e manipulação do próximo (ELIAS, 1994).

Em “*O processo civilizador: uma história dos costumes*”, o autor trata sociologicamente de assuntos aparentemente insignificantes; advindos de civilizações anteriores; os quais são marcados por atitudes corporais corriqueiras como: tossir, assoar, urinar e lavar, as quais são moldadas de acordo com condutas e sentimentos que servem para controlar o instinto do homem e reprimi-lo (ELIAS, 1991)⁴³. É nesse ínterim, que a teoria elisiana se torna única, uma vez que analisa antropologicamente as dinâmicas existentes na cultura ocidental diferentemente de colocá-las em comparação com outras. Dessa maneira, o autor relaciona a conduta do indivíduo, inserido em uma estrutura da cultura, com o comportamento atrelado a uma sociedade.

Percebe-se que, embora haja menos ativismo hoje, a vontade de se mapear, diagnosticar e discutir possui as mesmas preocupações dos tempos históricos do pensamento sociológico tradicional de Elias. São efetivamente as razões deste movimento

⁴³Ver questão sobre controle da animalidade, em Elias (1991:197).

que nos interessam, pois como compreender os múltiplos sentidos e os variados retratos dos muitos brasis de Da Matta⁴⁴, sem contextualizá-los a partir das representações que produzem os grupos sociais como o circo? Como fazer abstrações dos estudos sobre o simbolismo num país reconhecidamente volúvel em seus valores e em seus consensos?

Diante de tal quadro, não é de se espantar que se assista no Circo, o ressurgimento do imaginário enfocado pela teoria das Representações Sociais e da Sociologia Figuracional, ainda que acentuadamente, o conceito de imaginário tradicional aproxime do pensamento social brasileiro nos fundamentos da nação e da cultura brasileira.

Os diversos teóricos sociais ocupam o lugar que antes cabia à ideologia e, redimensionando o espaço e o tempo histórico em um movimento inverso ao que se assistiu nos anos 60-70, ou seja, os estudos sobre RS vêm abraçando, desde os anos 80, temas culturais como o futebol, o carnaval, a formação e o folclore como projetos representantes da nação.

Os dilemas socioculturais brasileiros vêm igualmente se enveredando pelos estudos literários e históricos fazendo largo uso das contribuições da Antropologia e Sociologia brasileira enraizada no panorama nacional. Em nível mais geral, a diversidade dos temas nas Ciências Sociais elabora um novo colorido às tradicionais viagens pátrias e, isto é um sinal que, as vias para a institucionalização dos estudos do circo estão abertas. Por isso, acredita-se que o fundamento empírico focaliza o circo como objeto de estudo na perspectiva social e tem muito a dizer na retomada de seu viés criativo – o espetáculo do corpo.

3.2.2. Merleau-Ponty e Csordas vão ao Circo: Diálogos pertinentes sobre o corpo.

O circo é a arte do corpo que é reverenciado durante todo o espetáculo. O herói através da beleza dos seus gestos na superação da morte, da moral e dos limites humanos nos traz para o mundo o corpo como obra de arte (LOBO; CASSOLI, 2006:65).

Merleau-Ponty utiliza-se do conceito de RS para afirmar que há outros meios, além da significação processual e linguística, para o entendimento de mundo. Ao conceituar RS estende-a a manipulação simbólica corporal que se apresenta como uma forma de ser-no-mundo. Em *A Espacialidade do corpo próprio e a Motricidade* (1994) estuda a “apraxia”, elucidando como perda da capacidade de responder a ordens e, conseqüentemente, de realizar movimentos abstratos através de um evento (RIBEIRO, 2010).

⁴⁴ DA MATTA, R. **O que faz do Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Perspectiva, 1999.

O sujeito é capaz de reagir ao estímulo, assim como, representá-lo numa simulação, ficando evidente que a coordenação motora e a capacidade de representação dele estão resguardadas, ficando deficitário seu *locus* no mundo e sua maneira de colocar-se nele. Merleau-Ponty afasta-se do inconsciente, o qual remete a separação corpo e mente, e propõe uma linguagem anterior ao consciente que, apesar de formada pela cultura, nos faz significar o esquema corporal. Merleau-Ponty (1999) afirma que:

O que chamamos de esquema corporal é justamente esse sistema de equivalências, esse invariante imediatamente dado pelo qual as diferentes tarefas motoras são instantaneamente transponíveis. Isso significa que ele não é apenas uma experiência do meu corpo, mas ainda uma experiência do meu corpo no mundo e que é ele que dá um sentido motor as ordens verbais (MERLEAU-PONTY, 1999:196).

A representação e experiência estão associadas e, para que possamos nos representar no mundo, primeiro temos que nos integrar a ele corporalmente, pois segundo Merleau-Ponty (1999:197) “*a motricidade é a esfera primária em que em primeiro lugar se engendra o sentido de todas as significações no domínio do espaço representado*”.

Com essa ideia, as noções de representação aliadas às ações motoras corporais estão embutidas no sujeito, e a compreensão do mundo exterior apresenta-se como características não comuns, necessitando ser interpretadas ordenadamente. Ribeiro (2010) ao elucidar o esquema corporal, evidenciado por Merleau-Ponty, esclarece que “*ser-no-mundo implica que meu corpo já é mundo, não habita o mundo, mas, já é mundo – então, se eu perco o senso de familiaridade com o mundo eu perco, também, a noção do meu próprio corpo*” (MERLEAU-PONTY *apud* RIBEIRO, 2010:10).

Thomas Csordas (2008) também teoriza e propõe metodologias às questões de corpo (*‘embodiment’*) embasado na *Fenomenologia da Percepção*, de Merleau-Ponty, no conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu e na *Microfísica do Poder*, de Michael Foucault. Nesse sentido, Csordas parte para uma compreensão que supera as questões fisiológicas e o corpo torna-se essencial para a representação do mundo experienciado aonde, a formação dos corpos pressupõe a constituição de vivências e o entendimento destas sob os objetos, entendendo o corpo como um todo (apoiado por Merleau-Ponty, baseado na não separação da constituição do sujeito) e o esquema corporal desenvolvem e apropriam-se de acordo com as situações e contextos em que os corpos estão inseridos.

Já com a discussão de Bourdieu (2009), o autor parte do conceito de *habitus* para a análise social, que enfatiza as regras e definições sociais, as quais demandam condutas e atitudes. Essas institucionalizadas, inscritas, ‘colocadas nos corpos’, ou seja, objetificando esse corpo, que é imposto pela sociedade e que torna-se naturalizado pela sua continuidade.

Portanto, Csordas aprimorou Merleau-Ponty e Bourdieu no que diz respeito a corpo e experiência. Ao invés de pensar sobre elas (apenas), insere o conceito de corporalidade exigindo a compreensão de corpo para além de objeto. O corpo como sujeito, necessário para existir culturalmente é elevado a uma categoria de entendimento de mundo que colabora para processo situacional, e não apenas para o objeto em si (modos somáticos de atenção). Dessa forma, as peculiaridades de uma cultura – língua, comida, religião, gestos e performances – nada mais são, do que a junção da identidade cultural de uma comunidade e seus corpos (CSORDAS, 2008).

Nesse ponto, o autor destaca a importância de entender o corpo como a própria ação, como objeto de análise. A diferenciação que ele destaca está na ideia de que esse corpo pode modificar-se e se tornar maleável às mudanças ou agências de ação dos corpos, enquanto que para Bourdieu são menos flexíveis devido ao sistema social imposto.

Exteriormente, ao movimentar nosso corpo, produzimos numa via contrária, performances que embutem interiormente subjetivismo em nós, a qual nos constitui e significa, direcionando nossas atitudes e ações. Para ele, o corpo não é algo vazio e ocioso, mas é capaz de significar o mundo simbólico que está inserido. As manifestações comunicativas e a linguagem corporal mostraram-se prova de sua existência e se perpetuaram culturalmente, pois assim como a esta não se distancia da existência do ser, este através da linguagem não nega a possibilidade de significação através do corpo.

Sob este ponto de vista, observa-se que a cultura corporal do sujeito de Circo está impregnada de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos e performances, em um sistema de concepções herdadas e expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam, desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação a vida.

Por fim, no âmbito do Circo, representações e *embodiment* estão atrelados e, por meio de percepção tênue, vimos que as experiências vivenciadas pelos atores circenses são possibilitadoras de explicações acerca de suas representações, ou ao menos, direcionam as interpretações que eles mesmos têm de seus corpos sob a lona. Ressaltando que a descrição das experiências corporificadas não é um objetivo desta pesquisa, mas sim o olhar que tem sobre seus corpos.

CAPÍTULO 4. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS POR TRÁS DAS CORTINAS

A visão positivista do corpo inicia-se nos primeiros anos do século XIX, quando se percebe os movimentos metodicamente meticulados, medidos, mensurados e sincronizados, sem desvios, entrando em voga a interpretação do conceito de perfeição (feito por inteiro) nos gestos e atitudes.

A Ginástica ganha contornos de objeto único para apresentar o espetáculo do corpo adestrado e educado. A concepção corpórea de dualismo não intervém mais de maneira pungente e afasta a visão positivista corpo e mente partindo para a construção analítica do corpo como um ser único.

As teorias de Merleau-Ponty (1999) e Csordas (2008) sobre “*embodiment*” salientam a experiência corporal que irá substanciar as concepções de corpo existencial e transformador da cultura, pois segundo estes autores, o corpo é a primeira parte a relacionar-se com o mundo e provem de medições pró-modernas.

Para Mauss (2003), ao discorrer antecipadamente sobre o paradigma da corporeidade, declara que o corpo servirá para argumentar o respeito às dualidades, haja vista que, o corpo é simultaneamente o objeto original com a qual o trabalho da cultura se desenvolve e a ferramenta original com a qual aquele trabalho se realiza (MAUSS, 2003).

4.1. Noções das Representações Sociais (RS).

A Sociologia tomou forma no Brasil no engajamento de cientistas sociais durante as décadas de 70 e 80. A princípio, o desconhecido ou apenas um conhecimento de senso comum sobre sujeito, objeto, inter-relação, representação, sociedade, psicologia e sociologia. A partir dessas décadas, emerge teoricamente um novo conceito – Representações Sociais (RS). Essa nova conceituação vem dar voz e sentido a atores e situações sociais, a partir de uma leitura da trajetória dos valores e dos sentidos que reproduzem os quadros teóricos inventariados e classificados semanticamente pela sociedade através de sinais.

Inclusive, a partir dos anos 60, uma forma de crítica à insuportável unanimidade que assola à forte tradição culturalista e nacionalista vem, sobretudo, pelo desejo de compreensão de outros temas como a relação aos movimentos sociais, classes e poder, desenvolvimento agrícola e modernização, cidadania, urbanização, entre outros, os quais baseiam-se em estudos sobre a identidade nacional e/ou cultural da sociedade no país.

Sendo o ser humano e seus comportamentos (pensamentos, atitudes, falas e gestos) o objeto de estudo, a conceituação teórica é de suma importância, mas não absoluta.

As opiniões e interpretações são levadas em conta, pois são ações produzidas por indivíduos que expressaram seus pensamentos, conseqüentemente, provocando na sociedade, diversificadas relações, seja consigo mesmo (representar-se), com outro (indivíduo ou objeto) ou com um grupo (representação coletiva), portanto, a representação social só tem sentido quando algo é tomado como valor pelas partes envolvidas (MOSCOVICI, 1978).

Embora o quadro de expansão da teoria das RS e dos estudos simbólicos esteja delineado em suas linhas gerais, recortamos dois caminhos a serem seguidos: o primeiro, a capacidade de revelar a maneira pela qual os diversos atores sociais assimilam, elaboram e difundem conhecimentos sobre a realidade e o imaginário e, o segundo, estes conhecimentos permitem que as sociedades se situem no mundo, que elas revelem o que e como estão significando no universo. Para Guareschi (1994) as RS elaboram a linguagem e constroem imagens para a compreensão da sociedade⁴⁵ (GUARESCHI, 1994).

Dessa maneira, nos aproximamos das RS e, conseqüentemente, dos fenômenos sociais, como forma de construirmos a realidade e suas possibilidades de compreensão.

Durkheim (2003) aponta que as representações não são verdades ou mentiras, mas apenas são. As representações coletivas são assim coisas e precisam ser tratadas da mesma forma, pois é este procedimento imprescindível para a objetividade do conhecimento produzido. Na Sociologia, Emile Durkheim foi o precursor das representações sociais, porém como representações coletivas⁴⁶. Para ele, as representações coletivas são como um fenômeno eminentemente social, já que nasce e se desenvolve pela síntese das consciências particulares, mas que as supera em extensão. Elas exprimem relações gerais, que ultrapassam em extensão todas as noções individuais (DURKHEIM, 2003).

Minayo (1994) ressalta que RS é a capacidade de interagir e absorver o contexto o qual está inserido, sem a presença ou proximidade do objeto referido. Equívoco daqueles

⁴⁵ GUARESCHI, P. (org.). **Textos em Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Ed. Petrópolis, 1994.

⁴⁶ Para Durkheim, as representações sociais e coletivas têm o mesmo sentido, uma vez que partem de uma coletividade. As representações sociais mostram implicitamente a capacidade de abrangência advinda da coletividade. Enfim, a sociedade é que permite a formação, consolidação e comunicação das representações sociais.

que apenas ‘substituem’ uma coisa por outra, até uma ideia por de outrem, mas sim ela consiste na mediação da percepção do olhar para algo, a partir de certos significados. Portanto, a representação presta-se à comunicação⁴⁷.

Segundo Filho *apud* Andrade (2009), percebe-se resquícios de representação coletiva em Durkheim desde a sua primeira obra *O Suicídio*, de 1897. Contudo, é em 1912 em *As Formas Elementares da Vida Religiosa: O Sistema Totêmico na Austrália* que ocorre uma inflexão do termo. A consolidação das RS, enquanto conceito-chave, para a explicação da dinâmica social em Durkheim, significou a passagem da ênfase dos fatos sociais para a valorização simbólica coletiva como princípio fundamental da realidade social (ANDRADE, 2009).

Uma sociedade não pode se criar nem se recriar, sem ao mesmo tempo, criar o ideal. Essa criação não é uma espécie de ato suplementar pelo qual a sociedade se complementaria uma vez formada, mas o ato pelo qual ela se faz e se refaz periodicamente (DURKHEIM, 2003:467).

Esse constante refazer preconizado por Durkheim, parte do princípio de que o indivíduo diante da informação age com estranhamento – momento chave da construção da RS – e, a partir de várias modalidades de conhecimento e da formação de universos de opiniões, ele obtém a informação, codifica e, posteriormente, toma uma atitude perante a mesma (JODELET, 2001).

As fontes de conhecimento e de direcionamento das RS favorecem a informação ao indivíduo de forma que eles compreendam as hierarquizações da sociedade e tomem um posicionamento em seu espaço, haja vista que a esta necessita de uma organização consciente. Assim, as RS focam-se nas teorias do senso comum provenientes dos universos consensuais⁴⁸ da sociedade que tem caráter interpretativo e construtivo das realidades sociais.

Andrade (2009) cita que,

As representações sociais são anteriores e exteriores aos indivíduos. Elas se encontram fora do tempo e do devir, da agitação das percepções, não se movendo por si mesmas, por meio de uma evolução interna e espontânea, mas pelo contrário resistindo a mudanças. São uma forma de pensar que a cada momento do tempo é fixa, cristalizável e universal, ou possibilita ao menos a capacidade de ser universalizável (ANDRADE, 2009:17).

⁴⁷ MINAYO, Maria Cecília de Souza. O Conceito de Representações Sociais dentro da sociologia Clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho A. & JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

⁴⁸ Universo consensual nessa perspectiva evidencia que cada indivíduo tem liberdade para ser “observador curioso” e manifestar suas opiniões, ideias e procura solução para os seus problemas. SÁ, Celso Pereira de. **Construção do objeto de Pesquisa em Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EduERJ, 1998.

Para Jodelet (2001) em sua interlocução a Durkheim, explana que as RS estão fora dos indivíduos e, mesmo elas tendo uma marca primordial ao ancorarem-se no sujeito, cabe à sociedade sua conceitualização, não obstante que, a primeira e norteadora característica dessa teoria é toda representação é uma representação de alguém (um sujeito) e de alguma coisa (um objeto). Todavia, as representações são coercitivas e impõem aos sujeitos as normas, os conhecimentos, os sentimentos e as condutas que a coletividade deseja e necessita para continuar existindo. Durkheim argumenta que a explicação das RS deve ser procurada fora dos indivíduos, pois mesmo que uma representação desenvolva uma marca individual ao se encarnar nos sujeitos, é a sociedade que continua sendo a fonte de explicação e de formação destas ideias (JODELET, 2001).

Mary J. Spink, num contexto próximo a este⁴⁹, nos fala em tempo curto e tempo longo das representações. É o tempo longo, a forma como os conhecimentos locais se inscrevem numa perspectiva social de longo prazo, que os estudos simbólicos permitem caracterizar-se. A noção de representações é vetor de pesquisa que permite a abordagem das relações e das transformações sociais, já os estudos simbólicos, permitem a compreensão dos sentidos de uma sociedade e/ou grupo social a partir de uma comparação com as referências simbólicas universais.

De posse disso, Guareschi (1994) afirma que representações e simbolismo trabalham para a cíclica transformação tanto das realidades quanto dos sentidos e vem a dialogar com Csordas (2010) e Citro (2011), argumentando que os corpos estão em constantes significações e ressignificações do mundo por meio das experiências que, por sua vez compartilham com outros corpos e acabam por criar um ‘corpo cultural’.

4.1.1. O homem é um ser social e também um ser cultural – O corpo na compreensão de mundo.

O homem inserido na sociedade lapida-a de acordo com suas interpretações, e utiliza-a de forma a direcionar suas ações e práticas criando cultura. O corpo, representante deste homem no mundo, centra-o nas mais diversas esferas da vida: família, trabalho, lazer, enfim, a tríade homem/corpo/símbolo está atrelada cotidianamente (RODRIGUES, 1986).

Geertz (1989) nos apresenta a ideia de ‘capas’ para representar as manifestações culturais que ‘recobrem’ e circundam o homem, seja ela no meio familiar ou social,

⁴⁹ SPINK, M.J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI. Op.Cit. pg.117-145.

(...) o homem é um composto de “níveis”, cada um deles superposto aos inferiores e reforçando os que estão acima dele. À medida que se analisa o homem, retira-se camada após camada, sendo cada uma dessas camadas completa e irreduzível em si mesma, revelando outra espécie de camada muito diferente embaixo dela (GEERTZ, 1989:49).

Para Laplantine (2003) os indivíduos são biologicamente iguais, porém a sua construção cultural é o que os diferencia⁵⁰ – suas tradições, línguas, conhecimentos e informações, vindos a colaborar com Da Matta (1999) e Rodrigues *apud* Daolio (1995) nos dizeres de que os homens apresentam o mesmo corpo, o que difere são os olhares diferenciados, as representações, dadas por eles. Olhar o homem como corpo objeto é negar que seu arcabouço lhe confira determinada visão – ver, sentir, pensar e agir (DAOLIO, 1995)

Mauss *apud* Daolio (1995) nos traz que o corpo representa a unidade evidenciada na experiência do indivíduo inserido numa sociedade. A carga cultural do corpo advém das interferências externas que ele sofreu historicamente.

Com a constante padronização imperando na sociedade, o homem vem tentando se expressar de distintas formas e, dessa forma, o corpo passa a ser personagem de sua própria história, culminando no conjunto de significados imbricados no corpo pela sociedade no seu devido tempo. Assim, esse autor coaduna com Rodrigues (1986), quando:

Cada cultura ‘modela’ ou ‘fabrica’ à sua maneira um corpo humano (...) mediante as quais o cultural se inscreve e grava sobre o biológico (...) nos corpos cicatrizes-signos, que são formas artísticas ou indicadores rituais de posição social: mutilação do pavilhão auricular, corte ou distensão do lóbulo, atrofiamento de membros, musculação, obesidade ou magreza obrigatória, bronzamento ou clareamento da pele (...) pinturas, tatuagens... práticas que se explicam por razões sempre sociais de ordem ritual ou estética (RODRIGUES, 1986:91)

Estes estilos de marcas corporais servem de indícios entre o sujeito e seu ambiente, fato confirmado pela observação comum e, posterior identificação do ser ou comunidade por linguajar, gestos e trejeitos tipicamente corporais. O corpo é construído socialmente e embute em si características do contexto.

⁵⁰ Esse autor mostra que dentro da espécie humana a diferenciação se concentra na aptidão do sujeito à variação cultural.

CAPÍTULO 5. EM CENA: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Tendo em vista a bagagem teórico conceitual que a pesquisa aborda, partimos para um conhecimento detalhado acerca da relação dos indivíduos presentes no Circo Fiesta, sua história, processo de ensino-aprendizagem das técnicas e apresentação de performances. Vale ressaltar que, devido às entrevistas semiestruturadas possibilitarem aos sujeitos entrevistados, liberdade e fluência das respostas, o crivo analítico das categorias pré-concebidas foram feitas de forma geral e, não especificamente. Constantemente, redundância e fugas ao tema estiveram presentes, levando o pesquisador a ter uma visão ampla sobre os tópicos abordados.

Além dos aspectos estético-artísticos do objeto de pesquisa, traremos em destaque o poder subjetivado do campo social quando enfocamos a questão da pluralidade cultural da linguagem circense.

5.1. Análise e discussão das categorias

Categoria: Dados pessoais e Circo

No quadro esquemático da descrição da amostra, mostrado no *Capítulo 1 – Procedimentos metodológicos* salientou-se que os participantes do estudo compõem-se de 50% do gênero feminino e 50% masculino, apresentando idades variando entre 17 e 31 anos, com média de 26 anos. As origens são distintas e advém de outros estados brasileiros, com prevalência das regiões Sul, Sudeste e Nordeste, e com grau de parentesco próximo (cônjuges, irmãos, cunhados e outros).

Em relação à formação acadêmica, percebemos ausência da sequencia de escolaridade completa, ou seja, deram início ao 1º, 2º ou 3º Grau, porém não os completaram, caracterizando abandono da formação em prol do nomadismo ‘*fugiram com o circo*’.

O tempo de permanência no Circo é variável assim como a itinerância, ou seja, da mesma forma que a estrutura circense varia de lugar, seus artistas também o fazem com intuito de obter treino, conhecimento e experiência, diferentemente do Circo

Contemporâneo que busca o viés mercantilista, em detrimento do valor sociocultural do Circo Tradicional (BRASILEIRO, 2008).

Com relação aos dados origem, escolaridade e parentesco e, apoiado no fato de que 62,5% (5 indivíduos) dos entrevistados são casados (formação de 2 casais), o resultado passou pelo crivo analítico e corroboramos essa evidencia pela expulsão das famílias europeias aliado às corporalidades similares que, culminou na aproximação das pessoas e restrição de círculo social, acabando neste caso, assim como em outros circos ditos tradicionais, na formação de novas famílias circenses (MAGNANI, 2004; CASTRO 1997, 2010; TORRES, 1998; BOLOGNESI, 2003).

Categoria: Histórico/performance

Ao pensarmos que o modo como nos educamos parte do princípio de um processo cultural cotidiano, vimos que, tudo com o qual nos relacionamos nos educa, ora pelas estruturas sociais ou arquitetônicas, ora ruas e espaços propícios às práticas corporais – como o Circo. Porém, a educação circense pautada no processo de ensino/aprendizagem, principalmente patriarcal ou familiar, conduz ao pensamento limitado tanto ao nível de recursos sociais (moradia) e profissionais, decorridos da ausência dessa instituição.

Ao adentrarmos nesta categoria ressaltamos que outras perguntas surgiram em decorrência das pre selecionadas, como: *Conte sobre sua história de e no circo? Há quanto tempo está no Circo Fiesta?* Nesta etapa as respostas demonstraram que a carreira circense está atrelada ao paternalismo que imperava em seus antepassados, comprovado pelo tempo de permanência destes – o qual ficou em torno de 1(um) mês até 15 (quinze) anos – sendo repleto de idas e vindas decorrentes de estadias em outros circos no próprio país e até no exterior. Com exceção do entrevistado D, o qual não faz parte de família circense, apaixonou-se ao dar entrada na escola de circo sendo descoberto como talento pelos produtores/administradores do Circo Fiesta, estando presente já há quatro anos.

Assim, o aspecto a ser destacado é a multifuncionalidade destas pessoas, desde a montagem, manutenção e vendagem de ingressos até o espetáculo propriamente dito, caracterizado em atividade profissional⁵¹. Entretanto, as respostas descrevem as funções

⁵¹ BRASILEIRO, J. E. A vida no circo: psicodinâmica e sentidos do trabalho. **Dissertação**. Departamento de Psicologia da Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008; DE MASI, D. **O ócio criativo**. Rio de

nos diversos números circenses: trapezista, palhaço, malabarista, equilibrista, corda indiana e outros e salientam o trabalho em equipe na execução dos aspectos logísticos para efeito de funcionamento do espetáculo: motorista, sonoplasta, montador, vendedor de doces, enfim, tarefas necessárias sem as quais não haveria o show.

“Num sei... risos! É que meu pai me ensinou outras coisas né! Sei montar, dirigir carreta... Acho que caminhoneiro” (Sujeito H).

Aprofundando nosso olhar aos processos educacionais ‘implícitos’, observamos a padronização das atividades, com conseqüente rodízio de números e performances, na qual parte da sociedade do Circo Fiesta apreende e se educa a utilizá-la, colocando o corpo em movimento, levando-os a dificuldades, inseguranças e imprecisão de pensamentos sobre sua vida fora do Circo.

“Ia ser bem diferente né. Ia morar na cidade” (Sujeito A);

“Como não sou tradicional, pra eu trabalhar em cidade é mais fácil” (Sujeito D).

A falta de perspectiva atrela-se ao fato da existência de dois mundos distintos: ‘mundo do circo’ – em que a comunidade circense vive atualmente, fechada em seus costumes e tradições – e o ‘mundo da cidade’ – inviabilidade e não aperfeiçoamento do “lado de lá”.

Tivemos também respostas como enfermeira e cozinheira, respectivamente, entrevistada C e G, pois são profissões que os sujeitos circenses estudaram ou praticaram, em algum momento de sua vida – salientado pela aprendizagem com seus familiares (pai, mãe, avós) e apresentam grau de afinidade e satisfação.

Desse modo, o corpo e suas corporalidade são relevantes e portam significados expressivos em nível de objetivação – pelo fato da existência biológica, como pela subjetivação – sua expressão performática (CSORDAS, 2008; CITRO, 2009, 2010).

Durante a permanência com os sujeitos pode-se notar que a busca pelo ‘bom espetáculo’ e perfeição artística são recorrentes, levando assim ao recato e o

Janeiro: Sextante, 2000; COSTA, M. M. F. O velho-novo circo: um estudo de sobrevivência organizacional pela preservação dos valores institucionais. *In*: Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração (Enanpad), 24. **Anais...** Florianópolis, 2000.

comedimento dos gestos que vão constituir diferentes formas discursivas de poder, que se objetivam também em proibições e interdições revelando, assim, gestualidades modelares e sugerindo aprendizagem ideal. Mas a questão do aperfeiçoamento da técnica aplicada para a performance não estava entre as questões mais preconizadas, com exceção do entrevistado D, que frequentou escola de Circo e advém de uma cultura de rendimento.

Baxandall *apud* Soares (1998)⁵² cita um manual para moças, intitulado “*Décor Puellarum*”, publicado em 1471, onde se encontram estabelecidas normas rigorosamente precisas: “*Caso estiverdes em pé ou andando, vossa mão direita deve sempre se apoiar sobre a vossa esquerda, à vossa frente no nível de vossa cintura*”. Segundo a autora, na pintura, portanto, o olhar atento identifica a gestualidade do recato como aquela que deve prevalecer (SOARES, 1998).

Nesse ínterim, indagados sobre aspectos do treinamento para performance, 90% dos entrevistados disseram treinar, aproximadamente, duas a três horas diárias e o horário, geralmente, varia de sujeito para sujeito – matutino, vespertino, noturno (pós-espetáculo) – porém, todos afirmaram que com o passar do tempo foram ficando mais relapsos quanto ao período de treinamento da atividade. Outros, responderam que não treinavam porque a ação circense não requer aperfeiçoamento, mas espontaneidade e improvisação, como é o caso do palhaço. Dentre a diversidade de treinos, temos aqueles que estão atrelados ao jogo e receptividade do público.

Afirmamos que na relevância do treinamento há dualidade sobre o discurso do trato corporal, havendo prevalência de argumentos biologizantes, mais discutidos na categoria seguinte.

O “treino físico” aliado à pouca informação e conhecimento os levam a acreditar na não necessidade de outras valências cognitivas para a tomada de decisão, apresentando-se a sobrepujança do citado ante o “treino da mente”. Tal excerto vem a colaborar para os pensamentos foucaultianos em que os traços socioculturais advindos da origem dos indivíduos se marcam nos corpos e o elo de coerção, embutido pelo meio disciplinar, proporciona ganho de aptidão e conseqüentemente, aproximação da perfeição – feito por inteiro (FOUCAULT, 2000).

A dualidade sobre as questões corporais vem a ser confirmada, pela incompreensão das questões seguintes⁵³, que permeavam aspectos de percepções

⁵² SOARES, C. L. **Imagens da Educação no Corpo: estudo a partir da ginástica Francesa no séc. XIX**. Campinas: Editora Autores Associados, 1998.

corporais sobre as exigências físicas do treino e da execução da performance durante o espetáculo.

“O trapézio com certeza (...). Ah exige o corpo né! Exige tudo, musculatura! (Sujeito A);

“De tudo um pouco, porque o palhaço usa muito a cabeça, pensar muito no que vai fazer. (...) O tecido usa muita força e atenção, ao mesmo tempo que eu uso a força eu tenho que mostrar que eu to de palhaço lá em cima” (Sujeito D).

Como visto, as respostas giravam em torno do aspecto corporal e do bem-estar e satisfação provenientes da recompensa (aplausos) do público.

O direcionamento dos treinamentos varia de sujeito a sujeito de acordo com suas habilidades. A função do circense está embutida no grau de habilidade que ele apresenta para determinada ação. O treinamento é focado para a performance do indivíduo e a dualidade está na afirmação em realçar a fadiga e cansaço ao mesmo tempo que sentem bem-estar, satisfação e paixão em fazer o que gostam, afastando da esportivização e alto rendimento (VAZ, 1999) e focando no treinamento calcado em diversão, ludicidade, satisfação e prazer (HUIZINGA, 2010). Visto isso, corrobora-se o afastamento do Circo ante a Educação Física no ponto de vista de treino.

Olhando para esse corpo espetáculo, ele advém dos processos relacionais cotidianos e corriqueiros, uma relação íntima permeada pela tradição, que atrela-se ao histórico geral e particular do circo, como também de cada sujeito dele integrante.

Por fim, ao trazermos à tona essa prática vinculada ao treino, treinamento, aprendizagem e aplicação deste, vimos sua obscuridade no que concerne o desfazer do treino, ou seja, os treinos vão diluindo-se com o passar do tempo e acaba-se priorizando a improvisação ao invés da mecanização dos movimentos.

Outros discursos se apresentam no sentido de que “não se treina”, mas sim “aprendem-se truques” e, dessa forma, a tradicionalidade circense permanece afastada de uma esportivização mesmo espetacularizada de alguns números apresentados. Assim, o que é importante salientar é a não esportivização do Circo Fiesta. Portanto, a esportivização é atravessada pela espetacularização, ou seja, a improvisação e criatividade configurada em cada performance circense mostrando que essa instituição apresenta-se como um espaço de ‘não lugar’ e ‘não tempo’ o qual configura-se no

pensamento de cada público em distintos contextos sem deixar de lado suas características básicas e sua identidade tradicional.

Regina H. Duarte (1995) afirma que por intermédio dessa transmissão de saber o Circo alcança lugares em que nenhuma outra forma de arte chega, tornando-se o maior e talvez o único espetáculo em terras brasileiras, sendo o principal divulgador de expressão cultural. Bolognesi reforça essa ideia ao embutir ao Circo o papel de polo de cultura, pois este buscava *lócus* distintos das grandes cidades. A popularidade do Circo foi tão grande que produziu um "*verdadeiro sentimento nacional que se formou a partir da ação do Circo e do Circo-Teatro no Brasil*" (BOLOGNESI, 2005:6).

Para ambos os autores o “Circo está em primeiro plano”, pois eles desconstruem o estigma de arte marginal ao afirmar que esta manifestação artística coloca sobre o picadeiro as diferenças: classes sociais, gênero e/ou etnia. Regina H. Duarte (1995) cita que o Circo agrega em seu aspecto estético-cultural todas as classes sociais e Bolognesi (2003) escala para entrar em cena a mulher.

A tradição circense aliada a sua linguagem, predominantemente corporal e não verbal, propicia um conceito de pluralidade em contínua renovação dos seus números e técnicas. Isso se dá por abarcar os usos, costumes e tradições das regiões brasileiras, dando à formação e organização das trupes familiares tradicionais a unicidade da miscigenação cultural brasileira quando encontra aconchego sob uma única lona.

A componente força está presente na maioria das respostas, assim como concentração e flexibilidade tiveram expressão e estão associadas à ação que realizam como, por exemplo, performances aéreas do trapézio, tecido e malabarismos vindos a confirmar a dualidade corpo e mente.

“Hoje eu choro de dor, mas não consigo parar o número. É uma paixão que tenho!”
(**Sujeito C**);

“Mas eu me sinto bem me aprimorando com o que faço. Eu chego nem a pensar no cansaço, pensando no melhor, me aprimorar, no bem que eu to fazendo” (**Sujeito D**);

“Dor tem, mas eu sinto bem fazendo aquilo. Uma dor suportável!” (**Sujeito I**).

Entretanto, o palhaço (sujeito D) optou por não assinalar nenhuma das questões, pois acredita que o Circo exige do corpo como um todo relevando que ele participa de numerosas entradas no picadeiro e sua atuação está fortemente atrelada e dependente da receptividade do público.

Esse personagem tem a capacidade de moldar-se frente às situações inesperadas do acaso atrelando-se ao “*feedback*” da plateia permanecendo na expectativa, na possibilidade de trocar experiência com o público ao fazer e criar movimentos imprecisos, errar e acertar diversas vezes, o que o difere dos demais sujeitos circenses no ato da ação da prática funcional do exercício da profissão, o qual será abordado à frente na Categoria Práticas Corporais.

Categoria: Corpo

Vindo a reafirmar a dualidade expressa na categoria anterior, no século XVI, Erasmo de Roterdão escrevia que convém a um homem prestar atenção à sua aparência, aos seus gestos e à sua maneira de vestir, tanto quanto à sua inteligência. Estas são indicações que sugerem uma compreensão da razão, ou das razões da existência de tantas pedagogias que incidem sobre o corpo, pedagogias voltadas para uma educação do corpo que ora deve civilizá-lo, ora deve torná-lo útil e higiênico, ora deve sexualizá-lo. Vigarello (1978) *apud* Soares (1998:17) nos diz que a instância corpo é o local inicial onde o adulto modela sua marca na criança, assim tornando-se o primeiro local a serem impostos os limites sociais e psicológicos e onde a cultura se inscreve.

Partindo destas argumentações trago sobre o picadeiro a relação corporalidade e representações, pois ambas são dependentes e complementares, uma vez que as vivências experienciadas pelos atores circenses é que vão ditar as representações corporais que eles têm sobre si mesmo.

Devido o processo de ensino-aprendizagem estar calcado na transmissão de saber de pai para filho e seu caráter tradicional, as condutas e comportamentos presentes no Circo Fiesta são transferidos e perpetuados no decorrer histórico, corroborando para a disseminação de atitudes e gestos frente a acontecimentos e situações no âmbito circense, neste caso, experiências cotidianas, de treinamento e performáticas, criando-se assim um *habitus*, como Bourdieu (1997) nos mostra.

Sendo o corpo o lugar visível e marca da cultura, esse mesmo corpo e sua gestualidade são objetos de poder. Quando a intervenção é direcionada, simula variadas técnicas que são reelaboradas para incidir sobre o corpo e o gesto, e estes vão se afirmando como práticas sociais, culminando numa educação e controle do corpo e gestos. Modelos técnicos que viabilizem esta intervenção dirigida, esta educação do corpo, são criados e disseminados (FOUCAULT, 1996, 1999, 2000).

Elias (1994), precursor de processos sociais que ditam comportamentos e maneiras de se conduzir, traz-nos um panorama bem sucedido do mesmo e relata sobre as inúmeras publicações e traduções a que foi submetido. Sobre isso, Revel (2009) diz que:

[...] a aprendizagem da civilidade desempenha um papel essencial, na medida em que permite, ao mesmo tempo, disciplinar as almas por meio da coerção exercida sobre o corpo e impor à coletividade das crianças uma mesma norma de comportamento sociável. Além disso tem a vantagem de permitir que a criança exerça sobre si mesma um controle constante de seu tempo, de suas ocupações e de suas atitudes (REVEL, 2009:178).

No entanto, um corpo “civilizado”, para Elias (1994), está pautado em meio a processos estabelecidos em redes sociais que, ora estão envoltos a censuras e limitações, ora em liberdades e incentivos, os quais transformam pouco a pouco os comportamentos e emoções, as percepções de percepção e representação de si mesmo, alterando em profundidade o ‘eu’, o ser homem e suas relações individuais e coletivas. Portanto, a civilidade que implicitamente temos pronta, é ignorada pelo indivíduo, o qual não se vê envolvido no processo de sua constituição e a comunidade circense, uma vez pensando dualmente esse corpo se afasta constantemente da metodologia do ‘embodiment’, proposta por Csordas (2008), aonde as corporalidade vivenciadas são precursoras do entendimento que eles tem sobre si.

Essa visão de corpo dita por esses atores perpassa por uma expressão bem elaborada de intervenção dirigida, que é a Ginástica, a qual no século XIX, no Ocidente, afirma-se como modelo técnico de educação do corpo e integra o discurso do poder. De certo modo, a Ginástica vai conferindo visibilidade a uma imagem de corpo desejada por uma sociedade que se pauta na aparência e rigidez de posturas (SOARES, 1998).

Sendo o corpo dos indivíduos elemento constitutivo das forças produtivas da nova ordem, e constituindo-se, desse modo, em realidade biopolítica, o poder de que se revestem certas práticas sociais que nele investem é quase absoluto, o biológico e orgânico tais como a medicina e as formas que aprimora para influir de maneira coercitiva e repressiva na sociedade e no seu “*modus vivendi*”⁵³, formam os pilares fundamentais para a manutenção da nova ordem (FOUCAULT, 1996a, 1996b).

Esta compreensão da medicina deu origem à formação de um novo ramo no interior da ciência médica: a medicina social. Segundo Luz *apud* Soares (2001), serão dominantes todas as propostas de concepções e conceituações que implicam em

⁵³ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996b.

“moralizar” e adaptar os sujeitos, grupos ou classes em um meio racionalizador civilizatório (SOARES, 2001).

“(...) tem que ter um tipo especial e fazer muita ginástica, muita física né, porque senão, não consegue!” (Sujeito D).

Entretanto, não podemos deixar de apontar o caráter contraditório deste conhecimento que, ao mesmo tempo em que liberta, aprisiona; transforma-se em mecanismo de controle por parte do Estado, que o reconstrói em poder disciplinar de forma sutil e o utiliza para o controle das grandes massas urbanas pelo efeito do investimento do corpo: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo, através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio (KOWALSKI, 2009, 2012).

A autora elucida ainda que a industrialização ocorrida na Inglaterra e França e, por volta da metade do século XIX, na Alemanha, foi acompanhada da debilidade física em que os homens não mais atingiam altura mínima exigida para o ingresso na tropa, problema que obrigou o exército francês e alemão, ao longo deste século, a diminuir, paulatinamente, a altura mínima exigida, pois, caso essa medida não fosse tomada não haveria homens disponíveis para o serviço militar. A degeneração progressiva, a diminuição de peso e estatura, a morte. Como ficariam os "corpos saudáveis" quanto a exigência do capital?

“É que nem no Garcia (Circo), tem balança, tem que ter o peso ideal, então se você passava do peso vinha multa no pagamento” (Sujeito C);

“A gente tem uma estatura assim né, não pode ser muito gordo, não pode também comer muito, fazer ginástica, tem que manter o corpo, manter a forma né... se não não consegue, tem que fazer ginástica né!” (Sujeito I).

Se por um lado, segundo Kowalski (2012), os "corpos saudáveis" eram uma exigência do capital, os "corpos doentes" não deveriam ser considerados como produto das condições de vida, condições estas geradas pelas relações de produção inerentes a este modelo econômico. Se as causas não podiam ser sociais, seriam biológicas, físicas

(meio físico, "naturais", morais, nela há impor-se no sentido de alterar hábitos, costumes, crenças e valores). Tem a pretensão de realizar uma assepsia neste meio físico, fonte de todas as misérias, na mesma medida que pretendem impor-se à família, ditando-lhes uma educação do físico, moral, intelectual e sexual.

A mesma autora ainda nos diz que a educação construída por uma sociedade naturalizada e biologizada, é então tomada como "a educação do físico", e associada diretamente à saúde do corpo biológico. Os médicos higienistas imbuídos de certeza que detinham uma maior competência para redefinir os hábitos da família moderna, não poderiam ter deixado de influenciar de maneira decisiva o referencial de conhecimentos necessários para o desenvolvimento do Esporte, mais um mecanismo a ser utilizado na construção do homem novo, sujeito do capital (KOWALSKI, 2012).

O pensamento de que o vigor físico dos trabalhadores era essencial para o avanço do capital, era preconizado e tornava-se necessário nele investir. Todavia, esse investimento deveria ser limitado para que o corpo nunca pudesse ir além de um corpo de um "bom animal"⁵⁴. Era preciso adestrá-lo, desenvolver lhe o vigor físico desde cedo. Discipliná-lo, enfim, para sua função na produção e reprodução de capital.

Indagados sobre a importância do corpo sobre aquilo que faz, os entrevistados foram criteriosos e dentre as respostas emergiram as seguintes falas:

“Ah! Acho que pro trapézio você tem que estar seguindo, sei lá, nem sei o que falar...você tem que manter o peso! (..) O trapézio exige muito preparo físico, se você não tiver um preparo. Na hora da apresentação exige bem” (Sujeito A);

“Tem não pode engordar, não pode ficar pesado não” (Sujeito B);

“Ele age diretamente nos braços, nos ombros e na cintura, corre pra lá e corre pra cá” (Sujeito E).

No Circo Fiesta, através dos excertos expostos acima, vimos que as falas permeiam que, desde sua origem, a visão que os sujeitos tem de seu corpo parte do viés biológico (‘um amontoado de ossos e músculos’) e os discursos para ele desenvolvidos estão carregados de condicionantes, como: peso, gordura, magreza, beleza, estar em forma, enfim, palavras que remetem a uma sujeição advinda sempre do processo

⁵⁴ SPENCER, H. *apud* Rui BARBOSA, R. Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública. In: **Obras completas**. Vol. X. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1947.

educativo ao qual seus integrantes fizeram parte – pai para filho – e que partiram de um resquício da ciência Educação Física, de meados do século XX, onde a marca registrada era o corpo sadio e higienizante, preparado para enfrentamento de qualquer adversidade, ou o corpo militarizado (KOWALSKI, 2012).

Assim, concorrem para o adestramento e disciplinarização corporal diferentes instituições sociais. Das instituições sociais que contribuíram para a disciplinarização da classe trabalhadora, não poderíamos deixar de fazer referência à escolar. As políticas de educação escolar, juntamente com as políticas de saúde em suas expressões higienistas e sanitaristas, completam o cerco ao trabalhador. Os homens não são iguais em seus "talentos" e "capacidades individuais", logo, não poderão sê-lo em relação às riquezas materiais, porque estas, nada mais são, do que a recompensa de seus talentos, sendo todos os homens dotados individual e naturalmente da classe social ou credo religioso a que pertençam.

Diante da discussão acima, percebemos que os sujeitos do Circo Fiesta apresentam uma representação corporal advinda das primeiras sistematizações da Educação Física – ênfase concreta no corpo biológico e físico – não acompanhando os avanços tanto corporais como abstratos do pensamento corporal e, associado à transmissão de saberes, acaba por disseminar entre os seus a percepção restrita e distorcida de seu corpo. E, por assim dizer, acreditarem em um corpo ideal para o ser circense:

“Ah! Existe né! (...) Acho que o circo é para todos, mas cada um é lógico que vai chegar ali e vai descobrir sua função. Cada um vai descobrir pro que leva jeito. Seu corpo enfim ajuda né, tem facilidade (...). Tem gente que tem muito mais alongamento que outra, entendeu. Se seu corpo tiver facilidade pra você ir ali e fazer um espacata, um relógio⁵⁵, vai ajudar muito, sem dúvida” (Sujeito A);

“Tem, pro trapézio tem que ser baixo e magro né!” (Sujeito H);

“Te tem, mas pra certos números que fazem. Tipo eu palhaço, posso ficar gordo, barrigudo e careca, que eu posso entrar lá, pintar o rosto, que eu vou tentar agradar.

⁵⁵ Anotações do diário de campo (26 de Julho de 2011): Segundo os indivíduos circenses espacate e relógio são movimentos realizados por eles durante a preparação para o número e também durante a performance sobre o picadeiro. Espacate é a “abertura das pernas completas, pra frente e para trás” (Sujeito A), enquanto o relógio é “o movimento de braços e pernas esticadas que parecem os ponteiros de um relógio” (Sujeito A).

Agora, se eu for fazer o trapézio, gordo já não rola, um tecido não rola, uma boneca não rola” (Sujeito D).

Outro elemento que emerge em meio à diversidade é o contraste de corpos. Bolognesi explicita que no picadeiro há o corpo sublime, aquele que perpassa do acrobata ao trapezista, e o corpo grotesco, aquele sob a maquiagem e vestimenta do palhaço às anormalidades. Para o autor é o aspecto peculiar que faz reafirmar e colocar todos no Circo, onde cada um tem seu lugar e seu momento de protagonista ao incorporar o personagem principal (BOLOGNESI, 2003).

O Circo mantém a universalidade criada na pluralidade cultural que permeia a linguagem corporal e não verbal. Essa linguagem fisicamente extrínseca torna o corpo um constituinte do Circo, um corpo íntimo ao desempenho do sujeito. Contrário a este corpo íntimo e representado do sujeito circense, o método de aprendizagem acontece processualmente de forma dinâmica e de maneira intrínseca ao circo com fatores exógenos, pois seus ganhos estão relacionados com a persistência, alegria, autoimagem, disciplinamento, ritmo, coordenação e satisfação. Portanto, o aprender no Circo significa envolver o corpo físico e o corpo simbólico de forma a pensá-lo como uma construção fenomenológica (PAREYSON, 2001).

Importante ressaltar que há uma relação recíproca entre corpo do sujeito circense e instrumento da performance, ou seja, o corpo em si já demonstra, muitas vezes, qual o show performático que o sujeito cultiva – o corpo leve e longilíneo do contorcionista, o trapezista (portô) forte e resistente, a maquiagem e as roupas dos palhaços e bailarinas. Há uma “marca registrada” tanto do sujeito para com o instrumento e vice-versa, pois o numero acontece da manipulação do indivíduo ante o instrumento e o instrumento molda o corpo desse ser.

Nesse circo complexo, devido às variáveis práticas que envolvem pluralidade e errância, Bolognesi (2003) enfoca e dá determinada ênfase separando, concomitantemente, o corpo sublime e o grotesco. O Circo Fiesta aproxima-se desse autor quando, respectivamente, os indivíduos nele existentes tentam exercer um poder concreto em superar os desafios. Podemos citar, por exemplo, nos números aéreos do trapezista que o realiza sem cair na rede de segurança, o equilibrista que consegue andar sobre a corda bamba sem deixar cair sua bandeja e enfim a atitude do palhaço, o qual é capaz de enfrentar o público, tornando-se cúmplice dele relevando as adversidades da vida quando o corpo grotesco vem construído de constante prática e pesquisa e está

ligado à representação e à construção de um personagem a partir de si próprio (BOLOGNESI, 2003). Contraditoriamente, é nas atividades circenses que a Ginástica e a Educação Física são negadas no discurso e no silêncio do conhecimento dos profissionais do Circo Fiesta, objeto desse estudo.

Categoria: Práticas Corporais

Dando prosseguimento à discussão sobre a ação da prática funcional, procuramos elucidar os termos mais relevantes por número performático de cada indivíduo.

Dentre as alternativas expostas nenhuma foi selecionada. Por outro lado, encontrou-se nomes próprios dos circenses e percepções corporais que estavam presentes em cada gesto, como: salto mortal, roda braço, roda mão, movimento com as costas, entre outros, demonstrando aspectos de sua cultura, a qual distancia das nomenclaturas usuais da prática de Educação Física e aproxima-se da formação de um linguajar próprio da comunidade do Circo.

“Olha, no equilibrismo acho que é o mortal e no trapézio acho que é a triple né, as três voltas!” (Sujeito A);

“Não, o meu é mais quando eu faço o salto mortal!” (Sujeito H).

Observando que a ação prática das técnicas circenses está associada à performance realizada, temos que observar o grau de afinidade e apreensão do indivíduo frente ao processo educativo respectivo. Assim, para efeito de discussão, figurativamente, associaremos o processo de ensino na comunidade do Circo Fiesta ao processo de educação escolar formal, que implicará não mais em méritos econômicos (quem tem maior poder aquisitivo), mas sim individuais/hereditários, de forma a nivelar a sociedade e torná-la uma comunidade mais hierarquizada.

Anteriormente, a sociedade, com indivíduos desempenhando funções absolutamente distintas na produção, era uma necessidade do capitalismo - um modo de produção que cria necessidades, e o que vemos na realidade circense é o oposto, ou seja, não há especialização performática nem exclusividade, mas uma distribuição de papéis que otimiza o processo criativo do espetáculo, dinamizando-o.

Questionados sobre o processo de ensino-aprendizagem dos movimentos, evocaram não saber como ensinar o próximo, mas que davam dicas de “*fazer o que gosta*”, ou ainda “*que não há uma metodologia adequada sobre como ensinar os movimentos circenses, a aprendizagem advém da espontaneidade e vontade do indivíduo em realizar a performance*” .

Em seguida, *Qual seu sentimento ao utilizar (o movimento) na performance?*. Repetidamente afirmaram que “*não sentiam sentimento algum durante o uso*”, ou ainda que, devido a resposta do público, “*sentiam-se satisfeitos e prazerosos com o aplauso pós movimentação*” e “*após determinado tempo de execução do movimento não sentiam mais a alegria de anteriormente*” .

O entrevistado D ressaltou ainda que “*é necessário deixar a pessoa brincar inicialmente, utilizar-se do recurso lúdico, e que com o passar do tempo, haveria uma aprendizagem significativa do número*”. E ainda, disse que “*uma aprendizagem tardia dificultaria tal processo, pois uma idade avançada seria um limitante da aprendizagem da performance*”. Essas falas vêm ao encontro das distintas metodologias empregadas no Circo e na Educação Física.

“Ai é uma emoção muito grande, porque você vê o público, a gente grita (...)” (Sujeito C);

“Eu sinto alegria no que eu faço” (Sujeito D);

“Ah...sei lá...qual sua idade? Acho que não...se você tivesse a idade do meu filho...risos! Agora é muito tarde!(...)Porque uma pessoa mais nova tem mais facilidade pra aprender toda aquela história (performance)” (Sujeito A).

Com base nas respostas dessa categoria inferimos também que os indivíduos do Circo Fiesta desconhecem as técnicas físicas decorrente do processo de aprendizagem familiar ser informal e distante do processo pedagógico das técnicas físicas propriamente. Desse modo, apresentando uma visão fragmentada das técnicas físicas e subjetiva do movimento.

“Ah, eu faço tudo, toda hora eu faço alguma coisa, rodo o braço, rodo a mão. Mexe todo o corpo, toda hora!” (Sujeito B);

“Movimentos com as costas e com a perna! Costas não, coluna!” (Sujeito I).

Essa dissociação das técnicas corporais de movimento e das técnicas circenses acarreta em um adestramento do corpo em função da perfeição do movimento, ou seja, a fragmentação do corpo e a busca do “feito por inteiro” é obtida através da mecanicidade do movimento – *habitus* (BOURDIEU, 1997).

“Nada, eu acostumei já! É normal pra mim. (...) Isso, é mecânico. Não é mais como num ensaio que eu tinha que aprender (...)” (Sujeito B);

“Eu acho que é necessário, porque tem muitos movimentos que eu faço correndo, mas é devagar, porque se o povo tá rindo, eu vou no embalo da galera” (Sujeito D).

Salientamos que o indivíduo escolhe arbitrariamente a performance e não há um direcionamento de profissionais para cada número circense específico. O gosto prevalece na escolha e não há transferência para outros números até a pessoa encontrar o que mais lhe agrada. O corpo se adequa ao espetáculo e a performance às experiências do indivíduo em uma aprendizagem espontânea, portanto é preciso vivenciar o Circo para aprender.

Assim, em vistas do exposto até o momento, notamos distanciamento entre o corpo biológico e o corpo social, apenas prevalecendo nas performances do palhaço. O desconhecimento, por parte da maioria dos sujeitos, das técnicas de atividade físicas direcionadas para o desempenho específica é presente e as distorções quanto aos conhecimentos da atuação do profissional de Educação Física geram, conseqüentemente, de forma implícita, atitudes e gestos equivocados, apreendidos com o tempo de execução e de permanência dentro do Circo e espetáculo.

A ideologia das aptidões naturais, dos talentos, das capacidades circunscritas ao âmbito individual – hereditário – biológico, estava na base das concepções educacionais do fim do século XVIII e início do século XIX. E é nelas que vamos encontrar a preocupação com o Esporte, uma vez que são as suas ideias sobre a Educação Física que irão servir de base filosófica e pedagógica para o seu desenvolvimento, ao longo dos séculos XVIII e XIX. Para os ricos, a instrução deveria ser de tal ordem que estes pudessem ser governantes do Estado e bons administradores de seus negócios particulares e, para os pobres, a instrução deveria ter por finalidade desenvolver lhes a obediência, extremamente útil para uma existência virtuosa, ao desenvolvimento das forças produtivas necessárias à implantação de uma nova ordem política, econômica e

social que, baseando-se na liberdade, igualdade e prosperidade, consolida como natural a acumulação capitalista.

O cuidado com o corpo, que figurará nas concepções pedagógicas liberais, ganha maior destaque e sistematização, na segunda fase do liberalismo, fase da burguesia que, enquanto classe contrarrevolucionária, refere-se a uma nova maneira de se educar: exclui os estudos especulativos; evidencia a necessidade de ensinar não muitas coisas (apenas as úteis); condena o excesso de livros para as crianças que matam a ciência; advoga um maior contato com a natureza; preconiza uma vida ao ar livre e a prática do exercício.

Quanto à questão específica da importância dos exercícios físicos na educação, ROUSSEAU (1978) e LOCKE (1983) foram aqueles que forneceram os elementos essenciais, desenvolvidos no século XIX, sobre a necessidade e a importância do exercício físico na educação do homem, enfatizando a instrução sobre o domínio do Estado e, acreditando que nenhum "talento" passaria despercebido, e que todos os recursos até então, somente ao alcance dos ricos, estariam agora ao alcance de todos.

O espírito científico e prático da burguesia revolucionária, interpretado por Condorcet, pode ser apreendido num dos objetivos do seu *rapport*, citado por SOARES (2001)⁵⁶:

Assegurar a cada um a cultura que desenvolverão plenamente os diversos talentos pessoais. Para isto, é necessário que a instrução varie segundo a natureza e potencial, que ela se diversifique, por assim dizer, de acordo com cada indivíduo. É necessário, por outro lado, que ela seja proporcional ao tempo de cada um, segundo sua situação econômica (...). É necessário então, observar estas diferenças e estabelecer diversos graus de instrução de acordo com elas, de modo que cada um percorra, mais ou menos segundo o tempo de que dispõe sua maior ou menor facilidade de aprender (SOARES, 2001).

Evidentemente, o tempo para percorrer os diferentes graus de ensino e a facilidade para aprender não é igual para todos. Daí a necessidade de adequar o ensino em graus, de modo que todos tenham acesso a algum grau, de acordo com seus talentos, o que, em outra perspectiva, nada mais é do que classificar de acordo com sua condição de classe. As escolas laicas, públicas e gratuitas, propostas a todos, não eram frequentadas por todos. Apenas a pequena e média burguesia tinha acesso a elas. As crianças do povo não as frequentavam por uma razão muito simples: elas precisavam trabalhar para sobreviver.

⁵⁶SOARES. Carmen Lucia. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. 2a. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

Em relação ao conteúdo educacional, o qual abriu espaço para os exercícios físicos em suas propostas pedagógicas, passam a ter caráter de lei. Sobre os exercícios físicos e expressivos, o objetivo da Educação Nacional é fortificar o corpo e desenvolvê-lo por meio de exercícios de ginástica, acostumar as crianças ao trabalho das mãos, endurecê-las contra toda espécie de cansaço, dobrá-las ao jugo de uma disciplina salutar, formar-lhes o coração e o espírito por meio de instruções úteis e dar conhecimento necessário a todo cidadão, seja qual for sua profissão. Esta seria a educação capaz de formar homens completos, necessários para desenvolver e aprimorar a nova sociedade e, portanto deveria ser um "direito" de todos os cidadãos. Porém, as propostas teóricas não são colocadas em prática para todos, e este “direito” mantém-se apenas no discurso, assim como a liberdade, igualdade e prosperidade.

Voltada para o conjunto das populações urbanas, objeto central de preocupação do poder, a Ginástica garante seu lugar na opinião pública, e se constitui como um saber a ser assimilado, pois se ajusta aos preceitos científicos e é por eles explicada. Aparece despida de suas marcas originárias do mundo do circo, da gestualidade característica dos acrobatas e daqueles que possuíam o corpo como espetáculo, em parte influenciado pela grande repressão sofrida na Idade Média, segundo Corbin, Courtine e Vigarello (2008). Em seu discurso e prática alarga-se, o temor ao imprevisível que o circo, aparentemente, apresenta com seus profissionais de arena em suspensões e gestos impossíveis e antinaturais, a mutação constante de seus corpos que resultam em ameaça ao mundo de fixidez que se desejava afirmar.

A Ginástica se apresentava então, como técnica capaz de ensinar o indivíduo a adquirir forças, armazenar e economizar energias humanas, colocando-se como o contrário do circo, do espetáculo de rua, lugares nos quais julgava haver o uso desmedido de forças, um gasto inútil de energia (SOARES, 1998).

Amoros, um dos fundadores da ginástica francesa, no século XIX, segundo Soares (1998) faz alusão aos exercícios cênicos ou funambulescos em sua obra, afirmando que não os exclui, mas que lhes imprime sempre um caráter de utilidade. Reafirma também que o propósito de seu método não é o de entreter, nem de divertir por meio de demonstrações e usos de força física e, muito menos, fazer dos exercícios um mero e frívolo prazer (SOARES, 1998).

Paralelamente a este universo iconográfico é possível analisar outras formas discursivas e de intervenção do poder sobre o controle dos gestos. Por exemplo, a classificação e condenação de certas profissões no Ocidente medieval, do início do

século XIII, são elucidativas. Neste momento, a profissão de acrobata, e mais amplamente daquele que apresentava o corpo como espetáculo, é considerado ilícito e perigoso para a sociedade. Este discurso e esta prática constituem uma dada mentalidade que, lenta, vai perdurar até o século XIX, quando o acrobata é, ainda, objeto de controle por parte do poder, pois sua gestualidade revela um caráter inútil de entretenimento onde o uso das forças físicas não indica a utilidade das ações requeridas, por um poder que deseja construir uma sociedade prática, pragmática e científica.

Categoria: Atividade física e Circo

Pautados na falta de informação, as questões elaboradas de forma a buscar relações entre Circo e atividade física – *Você vê alguma relação entre o Circo e a Atividade Física?* – vieram a confirmar que, de um lado estavam aqueles que enxergam estreitamento das duas áreas pelo fato delas usarem o corpo como objeto e o tecnicismo presente em ambas, sendo o posicionamento acerca do preparo físico, do treinamento e flexibilidade e alongamentos tiveram destaque.

“Por causa do preparo físico, do alongamento, do preparo físico, tem que se cuidar, acho que não muda muito não!” (Sujeito A).

“Sim, bastante. Porque você exige do seu corpo nas duas áreas, você tem que ter força física, ter um condicionamento bom e as duas áreas usam isto!” (Sujeito F).

“Olha, em alguns números que você faz você precisa de alongamento, quase a maioria você tem que se aquecer. Na Educação Física você aprende a se aquecer e tudo. Tem uma proximidade sim. Pra fazer o que você faz no Circo você tem que ter um pouco de preparo físico. O que você faz é cansativo e se você não tá preparado pode ser fatal.” (Sujeito E).

E do outro lado, aqueles que estão distanciados do conhecimento de áreas científicas desconhecem o que é Educação Física e o que é da alçada deste profissional. Portanto, temos o entendimento que o conhecimento sobre a Educação Física é limitado, tradicionalista e biologizante e, contrário ao que compete ao profissional da área.

“Ah não, não sei. Porque o Circo, acho que não. Porque Educação Física é esporte e o Circo é atletismo. Só que eu não sei, é uma função diferente” (Sujeito B).

Interessante ressaltar na fala do entrevistado B, que durante a conversa o pesquisador indagou o que ele acreditava ser o atletismo e a resposta foi:

“Atletismo é ginástica. A gente é atleta entendeu. A gente faz ginástica aqui dentro, só que ginástica com circo”.

Consequentemente evocou-se a questão: *Como se consideram os sujeitos circenses: atletas ou artistas?* As respostas foram diretas, objetivas, quiçá iguais, unânimes jamais e, não deram margem para afirmações científicas, pois os sujeitos circenses não souberam dizer como se consideram ou utilizava-se de falas pré-elaboradas.

“Ah, acho que uma pessoa normal!” (Sujeito A);

“Atleta, porque artista mesmo é aquele artista de televisão, a gente tem uma vida normal, a gente ganha disso, aqui é nosso trabalho, nosso trabalho e nossa casa” (Sujeito B);

“Ai atleta não... pro Circo você é um artista, mas tem que se considerar atleta né” (Sujeito C);

“Os dois seriam possível? Porque eu tô sem maquiagem eu sou um atleta, porque eu tenho a resistência no corpo, tenho uma alimentação legal e pra noite, eu poder pintar o rosto e ter uma atuação legal, de ator entendeu?!” (Sujeito D);

“Um fã de picadeiro! (...)” (Sujeito E);

“Um fã de picadeiro!” (Sujeito F);

“Eu acho que um artista circense. Ah, porque praticamente assim minha vida toda eu fui de circo” (Sujeito H);

“Como eu gosto muito, eu me considero um artista, mas diferente das pessoas normais, com flexibilidade, então ai entra um pouco o atleta, porque a gente faz exercícios constantes pra mostrar o que a gente faz no Circo” (Sujeito I).

Dessa forma, está em curso a construção de uma estética traduzida por uma gestualidade onde o corpo útil e higiênico é afirmado, e a Ginástica, versão virtuosa e

científica da acrobacia de rua e do corpo como espetáculo, consolida-se como prática corporal a ser seguida. O gesto, que implica sempre o ser inteiro, é objeto de análise do poder. O gesto é objeto de percepção sensorial, interpessoal, o gesto coloca em obra, em seu autor, elementos cinéticos, processos térmicos e químicos, traços formais como dimensão e desenho, caracteres dinâmicos, definíveis em imagens de consistência e de peso, um ambiente, enfim, constituído pela realidade psicofisiológica do corpo de quem provém [...] e do entorno deste corpo (SOARES, 1998).

A força contida no gesto põe em jogo todos os sentidos daquele que o executa, e também daquele que observa essa gestualidade. É como se a profusão de códigos e sentidos ali demonstrados tivesse uma força de persuasão impossível para a palavra. Talvez porque as gestualidades são significativas e se organizam em linguagens passíveis de interpretações que ditam um reconhecimento moral e social entre os indivíduos. Assim, o corpo diz tudo sobre o homem e é capaz de formar e reformar o íntimo humano, de forma a regulamentar corretamente as manifestações corporais⁵⁷.

A prática corporal pelo viés sociológico ainda apresenta-se como um aspecto pouco explorado no universo do Circo, ainda que na área de metodologias de ensino das técnicas circenses haja um avanço significativo. Clareamos aqui, como o corpo é o dispositivo chave que está sempre disponível aos indivíduos para uma prática, (re)configurando sua identidade. Ao mesmo tempo, temos que o corpo, assim como a linguagem verbal, é também um instrumento de conversas e diálogos, entre os seres humanos, possibilitando situar-se no plano social e simbólico dos meios, propiciados tanto pelos *habitus*, como pelas internalizações apropriadas no momento prático.

Tendo como âmbito relacional as Representações Sociais e o horizonte teórico da Sociologia, permeia-se nos discursos e falas, a importância histórica e social do Circo como meio de transferência de manifestações culturais. Destacamos a predominância da linguagem corporal na itinerância propiciativa de miscigenação de técnicas advindas do fazer circense, da transmissão de informações e saberes, internos e externos.

Categoria: Outros

⁵⁷ REVEL, J. Os usos da civilidade. In ARIÉS, P. e DUBY, G. (org). **História da vida privada. Da Renascença ao Século das Luzes.V. 3**, p. 172. SOARES, C. L. (Org.) **Corpo e História**. 1a. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

Aliado às outras falas surgidas em meio ao discurso, vários assuntos emergiram, o que nos provocou e instigou. Nesse sentido, esta categoria, ultrapassa assuntos não objetivados, abarcando questionamentos que servirão de base somente para futuras pesquisas e, que pela limitação temporal, não foram possíveis de esclarecer.

“Falam que Circo maltrata os animais. Circo não maltrata os animais (...). Os cavalos de rodeio, eles sim machucam os animais e dão dinheiro pro governo... no Circo não.”
(Sujeito C).

O entrevistado C levantou a questão do uso de animais em Circo. Esse tema é passível de ser trabalhado, pois há intensos debates políticos ambientais que interferem na utilização de animais pelos Circos e, segundo o entrevistado, o que a mídia reporta é fruto de sensacionalismos da imprensa marrom. Assim, o Circo de fato traz uma relação negativa, às escuras, com o uso de animais? Qual a imagem do Circo divulgado pela imprensa? Há uma linha tênue entre a sanção de leis e o discurso midiático?

Já o entrevistado D suscitou em sua fala de encerramento do espetáculo “Bagun S/A”, o seguinte discurso:

“No mundo moderno no qual a gente vive hoje, onde toda a diversão é baseada em sexo, drogas e pornografia, o circo continua puro como uma poesia, demonstrando assim o espetáculo que cada pai assista junto com toda sua família. É legal que cada pai entenda, pois hoje em dia com internet, videogame, a gente perdeu muito valor” **(Sujeito D).**

Essas dúvidas são problemáticas que nos remetem a novos questionamentos, por exemplo:

O Circo, apesar de ser um mundo a parte, é repleto de imperfeições e, não obstante apresenta um discurso romântico de simplicidade e pureza, demonstrando a vida regrada da comunidade circense. Contraditoriamente, o que percebemos no desenrolar da pesquisa é discrepância quanto ao observado e a realidade. Assim, há realmente o romantismo ou o circo tradicional encontra-se desconstruído e composto por uma comunidade errante? Essa itinerância é passível de organização social em comunidade?

Atualmente, o Circo Tradicional não se transformou em uma empresa cultural. O espetáculo banalizou-se e não atende as expectativas das futuras gerações tanto no seguimento cultural familiar para manutenção da tradição quanto da procura dos novos lazeres. Em diversos setores da indústria cultural há censuras. Desse modo, o que podemos inferir a respeito da ética profissional no meio dos profissionais circenses?

Por outro lado, entendendo o Circo como ferramenta pedagógica para a “escola do corpo”, ele será um campo fértil para a ressignificação desse corpo e, conseqüente ressignificação dos sentimentos? O Circo é capaz dessa transformação efetiva e afetiva?

Diante disso, tais questionamentos, suscitados pelos próprios sujeitos de Circo, vem a afirmar a presença de lacunas no âmbito circense, as quais corroboram com Castro (1997) e Bolognesi (2003).

5.2. O “Cruzamento”

O Circo na sua oralidade de ensino e aprendizagem das técnicas, em meio às experiências vivenciadas pelo corpo na necessidade de compartilhamento entre o mestre e o aprendiz, eleva o papel do pai em professor e filho em aluno, marido e esposa em relações de parentesco, aprimora e vem demonstrar o número performático. A relevância, mais do que a descrição e exposição, está no cimo culminante, então no *continuum* da troca de experiências familiares no Circo Fiesta.

Na contra mão dessa oralidade, a segunda metade do século XIX é um período no qual a Ginástica, embora ainda pautada em ações militares, esta cada vez mais próxima de cientistas, médicos higienistas e laboratórios de pesquisa. Seu caráter higiênico alarga-se e imprime-se, então, outra estética, a estética da retidão que segundo Soares (1998) multiplicam-se, neste momento, pesquisas sobre o movimento, sua utilização na vida cotidiana e, particularmente, no mundo do trabalho, evidenciando os métodos de aprendizagem e aplicabilidade dos exercícios físicos.

A Ginástica que afirma, converte-se em um modelo de educação veiculado pelo poder, uma educação capaz de preservar as forças físicas e ensinar o indivíduo a adequação de seu uso. Esta compreensão da Ginástica permite inscrevê-la como constitutiva da mentalidade científica, pragmática e prática que se consolida ao longo do século XIX.

Com Amoros, cria-se uma paixão pela cultura do corpo e seu método, embora possuindo fortes vínculos militares, transforma-se em modelo de aprendizagem coletiva

do exercício, juntamente com os estudos fundamentados na mecânica, na anatomia, na fisiologia, na filosofia e no canto. A sistematização dos movimentos emerge com o aprofundamento das pesquisas de Marey e Demeny e, aquele que ensina a Ginástica passa a ter uma competência afirmada (SOARES, 1998).

E. J. Marey e seu auxiliar G. Demeny tematizam a imagem como forma de conhecimento dando maior exatidão e rigor nas descobertas sobre a locomoção humana, o voo dos pássaros, o galope do cavalo, a água que corre⁵⁸. Marey e Demeny criaram os processos mais precisos do método gráfico, cronográfico e cinematográfico para a compreensão do movimento humano a partir da análise do movimento de aves e animais. Apoiados em novas e importantes sínteses teóricas, como a descoberta das leis da termodinâmica, que permitiu a compreensão das relações entre calor e energia, consolidaram para o estudo dos gestos humanos racionalidade a partir da máquina, o que possibilitou um novo impulso às questões relativas à Educação Física, os gestos humanos no mundo do trabalho e na Ginástica (SOARES, 1998).

A imagem, como resultado técnico da utilização de diferentes aparelhos, torna-se parte integrante das explicações e constitutiva dos discursos sobre o movimento humano, este novo objeto de estudo da ciência experimental que potencializa o rigoroso esquadramento do corpo realizado no século XIX.

Higienista convicto, Demeny acreditava que todos os problemas ligados aos altos índices de mortalidade, o avanço das doenças degenerativas, a diminuição da estatura, esterilidade, demência e loucura, eram problemas causados pela ausência de educação. Para ele, o indivíduo saudável e ajustado seria o resultado da boa educação, somada à atividade física e a boa higiene. O papel social da Educação Física seria o de ensinar o indivíduo a evitar o desperdício de forças nas atividades e, assim, ela seria benéfica tanto para formar atletas como para melhorar a condição dos fracos (SOARES, 1998).

Contudo, na segunda metade do século XIX, há ainda que se considerar o discurso sobre a saúde, sendo o estudo do movimento uma de suas formas discursivas. Os estudos sobre o movimento criaram um conjunto de regras e de explicações que

⁵⁸ MAREY, Étienne-Jules. **Le mouvement**. Marseille: Éditions Jacqueline Chambon, 1994. DEMENY, Georges. **Les bases scientifiques de l'Éducation Physique**. 8a. édition. Paris: Librairie Félix Alcan, 1931.

permitiram diferentes formas de intervenção sobre o corpo e afirmaram uma estética da retidão - o movimento humano - e o modo correto de executá-lo no trabalho, na vida cotidiana ou em situações de exercitação dirigida, por exemplo, nas ginásticas, nos jogos e esportes e na atividade física em geral. Explicado pela ciência experimental, é um elemento que se agrega à constituição de formas de poder que incidem sobre o corpo e seus gestos, sendo estes plenamente compreendidos como um comportamento total do indivíduo. Estava dada, assim, a estética da retidão e todas as implicações políticas que sempre estão contidas em projetos estéticos e na espetacularização desse corpo (SOARES, 1998).

Talvez um olhar menos generalizante, como o de Demeny, possa trazer uma compreensão menos técnica e pragmática sobre homens e mulheres e, assim, permitir um mergulho nos modos de aprender a partir da necessidade primeira da sobrevivência. O indivíduo aprende a utilizar suas forças no jogo cotidiano de manter-se vivo, independente das técnicas corporais, meticulosamente elaboradas nos laboratórios de pesquisa para “ensinar” a ele o uso correto das mesmas. O ser corpo que vai além do conceito de corpo civilizado de Elias (1994). Assim, recorro aqui ao universo literário e suas emanções do vivido e permito-me ouvir outras vozes deste recorte de tempo.

5.2.1. “Germinal”⁵⁹ e Circo Fiesta

Soares (1998) relata sobre um romance oitocentista, sobretudo o romance realista e nos conduz a lugares e a sentimentos, a modos de viver, por vezes obscurecidos pela névoa opaca tecida nas teias do poder quando E. Zola elege como personagens centrais de seu romance *Germinal*, os mineiros. Em sua narrativa, leva o leitor ao universo escuro das entranhas da terra - a mina - e permite um tipo de compreensão do aprendizado humano que vai abarcar o universo sensível, contrapondo projetos estéticos e políticos.

Segundo a autora, entrar na mina é, para Zola, mergulhar num universo de cegueira, numa escura noite onde o corpo forja o espaço e dobra-se, contorce articulações e membros, se fazendo alavanca para sustentar a terra.

⁵⁹ZOLA, Émile. **Germinal**. [s.l.]: Ediouro, [s.d.]. ZOLA, Émile. **Germinal**. Paris: Garnier-Flammarion, 1968.

Os mineiros ensinavam uns aos outros o aprendizado nesta escuridão. Indicavam o modo mais econômico de suportar o dia adequando as forças. Passavam sua experiência corporal gestual, conforme se pode constatar nesta passagem de *Germinal*, onde uma mulher mineira mais experiente ensina a um homem ali recém-chegado o melhor modo de trabalhar:

O corpo devia estar inclinado, com os braços bem retesados, de modo que empurrasse com todas as forças, com membros e com os quadris. Ele acompanhou-a numa viagem vendo-a subir com os quadris caídos e os punhos tão embaixo que parecia trotar a quatro pés (...). Ela suave, arquejava, estourava por todas as juntas; mas sem uma queixa, com a indiferença do hábito, como se a miséria comum consistisse, para todos, em viverem assim dobrados (SOARES, 1998).

A determinação do espaço e das ações ali exigidas pelo corpo e seus gestos era de tal dimensão que mesmo fora da mina os mineiros “acocoravam-se, com os cotovelos nos flancos e as nádegas apoiadas sobre os calcanhares [...] sem sentirem necessidade de um calhau ou de uma tábua para se sentarem”. Havia ali, no movimento dos dias e das noites uma autoeducação corporal e a internalização de economia de forças do interior de seus próprios corpos. Gestos medidos, gestos pensados, gestos contidos. Não havia ali nenhuma explicação científica. O corpo aprendia, no silêncio, a gestualidade necessária e a adequada utilização das forças (SOARES, 1998).

Enfim, para Soares (1998) essa passagem de *Germinal* indica o aprendizado rápido de um homem recém-chegado à mina que num tempo curto apreendeu a sobreviver com as determinações do lugar e não mais esbanjava energia para respirar o pó de carvão, enxergar na escuridão, perdia água pelos poros sem desidratar, enfim, adaptou-se, realizou um bom trabalho e economizou energias em meio às situações adversas impostas a ele.

O não esbanjamento das forças e sua distribuição adequada no tempo e no espaço são aprendizagens ditadas pelo lugar social ocupado. A destreza do bom operário de que nos fala Soares ao interpretar Zola, fora conseguida pela necessidade de manter-se vivo. Uma gestualidade contida, medida, comedida vai constituindo os sujeitos que habitam os espaços escuros de construções, minas, fábricas. Seus corpos aprendem a gestualidade que lhes é permitido aprender⁶⁰. Assim, é possível afirmar que

⁶⁰ Reportar também ao personagem literário do Quasímodo – o Corcunda de Notre Dame – do autor Victor Hugo.

a arquitetura das habitações, dos locais de trabalho e de descanso exerce controles na constituição do indivíduo e de sua gestualidade.

Da mesma forma que esses espaços regulam o trânsito das pessoas, os mesmos efetivam uma dinâmica de pressões que propiciam o endireitamento dos corpos tortuosos, ou seja, os corpos passam a sofrer influência dos espaços de reclusão como também da “ortopedia discursiva”, portanto o corpo educado passa a expressar civilização (FOUCAULT, 1999).

O Circo e sua estrutura, considerados aqui como uma arquitetura esportiva, é capaz de revelar também uma educação do/no corpo, ditos os modos de pensar e agir, uma vez que compreende um conjunto de memórias individuais e coletivas da sociedade, combinando vontades, conhecimentos e poderes. A lona armada acaba tornando-se um local que fala por si só, escondido embaixo da arquibancada, atrás do picadeiro ou ainda sobre o picadeiro – seus medos e receios, vontades, gostos, tudo isso através de atos humanos, que Foucault (1999) denomina de controle das populações.

Foucault (1999) conversa com Elias (1994) quando esse utiliza o processo no todo, como forma de manter unidos os sujeitos numa única esfera de limite social igualmente aceita. Neste caso, o Circo surge com suas performances, controlando o gesto, o ímpeto de apresentar-se ao outro e, nesse sentido, é aceito socialmente. Em outras palavras, a educação do corpo se constitui em um resultado adquirido pela constante teia de relacionamentos entre seres humanos, pois nenhuma sociedade consegue sobreviver sem focar as pulsões e emoções do indivíduo, sem algum controle do comportamento (ELIAS, 1994).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente vemos o quão difícil é enxergarmos a Educação Física como parte essencial da cultura do indivíduo. Talvez pela sua praticidade seja complicado unirmos seu campo de atividades físicas às atividades que interferem de fato na relação homem – mundo. Porém, as práticas corporais são construídas e se constroem através da corporeidade, o que faz com que a Educação Física, seja um campo inesgotável de pesquisas.

O educar do corpo não é novidade e a encontramos em diversos momentos históricos. No século XIX, as novas maneiras de pensar o corpo e sua educação partem da premissa de planejamento e seus resultados são medidos e comparados e isso tem sido visto até os dias de hoje. Porém, a novidade presente advém da tentativa ainda recente, de pensar as atividades e exercícios físicos para além da “caserna”. Podemos falar então de uma renovação, de um novo olhar sobre o existente e, ao mesmo tempo, sobre o novo que surge desenhado pela ciência.

Vimos que no Circo Fiesta ainda prevalece uma ginástica como nos moldes do século XIX, aquela que vai impor-se em meio a tradições e diversidade de movimentos e afirma-se como verdadeira, dando visibilidade ao corpo forte e útil, diferentemente do corpo pensado ser no Circo – do atleta da feira, corroborando para o pensamento de que as práticas corporais pouco estão voltadas para o lazer e entretenimento. A novidade que surge é aquela do exercício, diferentemente da ginástica, trazer o prazer, a excitação, a vertigem (VIGARELLO, 2003). O que evidenciamos é que o corpo trabalhado pelo exercício físico sistematizado pela ginástica não é o corpo do atlético, esportista. Atualmente, a cultura que se tem acerca do movimento advém desse ranço do século XIX e é representado pela sensibilidade aos avanços do mundo moderno, esse em que a técnica é independente e não raizada.

Nesse sentido, vimos às amplas contribuições dessa ciência para as questões de corporalidade e motricidade para além do exercício, daí a possibilidade de fazer-se ir além da unidirecional relação corpo e movimento, ainda que haja interessados na linha corporal como objeto de reflexão e linguagem.

Merleau-Ponty (1999) nos traz que o pensar é do âmbito da consciência, é o instinto de sobrevivência que nos leva a nos movermos para adquirirmos determinado

valor cultural, ou seja, dessa necessidade, por exemplo que emerge o superar obstáculos, adaptar-se a questões hostis, mover-se em meio a sofrimentos e tensões, enfim, agir de acordo com o meio⁶¹.

Nesse contexto, pensamos Educação Física como um tema global para o homem e, focamos na sua possibilidade interdisciplinar para além do esporte, ginástica e porque não o Circo?

Finalizando, não tivemos uma experiência positivamente positiva, mas sim irreal, contemplativa, romanesca e bucólica. O que queremos afirmar é que os significados das representações de Carmem Soares e Bolognesi de que as atividades circenses de teor educativas coadunam com a Educação Física, temos que estas se desconstroem em uma realidade libertina e, muitas vezes, iludidas de uma vida prazerosa e honesta, ou seja, o que temos nas falas, o discurso dos entrevistados contempla com erudição e felicidade no Circo Fiesta. Entretanto o que observamos é uma labuta diária de sobrevivência penosa.

As representações dos corpos do Circo Fiesta, muitas vezes, sem especialização exigem condições de transformação e o desenvolvimento necessário de técnicas específicas de treinamento físico elaborado e aplicado por profissionais de Educação Física. Afirmamos que o corpo circense se apresenta sem estrutura e espaço adequado para estas condições de transformação. O que observamos é que mesmo sendo um Circo Tradicional, o Circo Fiesta manteve um distanciamento cultural local inversamente proporcional ao que devia ocorrer, ou seja, preservar o envolvimento com a cultura vigente e evoluir tecnologicamente e constante, pois estamos em permanente mudança. O Circo Tradicional Itinerante Familiar camufla a imagem de união e concretude vivendo na insegurança, de viver um dia noite em busca de um futuro que não vem, em um devir que não chega.

Tudo isso se torna discordante das etapas educativas citadas pelos autores, quando temos uma minoria inconsciente das mudanças socioculturais impondo um discurso romântico de respeito e educação sem valores condicionados à realidade atual vivendo externamente. O Circo Tradicional parece não mais existir diante do Circo Contemporâneo. A arte dos fantoches não mais faz parte da cultura da atualidade. Assim é que observamos as dicotomias sobre o picadeiro e sob a lona. As representações corpóreas têm que tomar corpo e se realizar no novo para reviver, pois

⁶¹ Marcel Mauss já nos trás as técnicas corporais e suas adaptações.

sem profissionalismo e regulamentação, hoje o autodidatismo não se justifica na sociedade capitalista da cultura do entretenimento dos grandes espetáculos da arte esportiva dos circos performáticos, organizados, tecnologizados e administrados para a obtenção de lucros. Enfim, o Circo Fiesta, mesmo recebendo fomento governamental e empresarial, mantendo esta tradicionalidade familiar na continuidade da simplicidade não remete para a existência na cultura atual de educação, esportivização e tecnologia tendendo a desaparecer.

É relevante notarmos como as práticas corporais na Educação Física se constroem e são construídas frente às corporalidades e, como estas, partindo da mistura entre ciência (Educação Física), movimento e a arte (Circo) ou da nova organização das praticas corporais, usos do corpo e experiências vividas, confluíram-se em um rio em expansão de novos saberes e constantes discussões que, nesse caso, conclui-se a partir das representações corporais dos sujeitos do picadeiro do Circo Fiesta que ora vem mostrar um corpo sublime capaz de superar os obstáculos de maneira perfeita e limpa expressando as emoções de forma a compor o espetáculo e, ora o corpo grotesco representando as experiências e vivencias do autoconhecimento dos seus sujeitos, não abusando de “anormalidades”, porém calcada na preocupação com sua forma tradicional.

Por fim, concluímos que as práticas corporais tem a possibilidade de ser transformadas em metodologias intervenientes do corpo, expressando concretamente sua educação. Tais discursos movimentam os ideais de corpo, saúde, performance, beleza e se descortinam para os desejos dos indivíduos, sociedades e culturas que as criam e ao mesmo tempo as desconstroem. Corbin (2004:9) argumenta nesse sentido afirmando que são vários palcos onde a vida humana representa *“uma ficção, um conjunto de representações mentais, uma imagem inconsciente que se elabora, se dissolve, se reconstrói no fio da história do sujeito, sob a mediação de discursos sociais e sistemas simbólicos”*.

E, apresentar a corporalidade como mediações, significa tomá-las como discursos que são produzidos em sistemas simbólicos que materializam outras representações de corpo onde corpo, performance e valências físicas não são os mesmos e não tem o mesmo valor ante as sociedades e épocas e, estas podem nos dar olhares mais tranquilos, menos enlouquecedores e diferenciados. Pensar, deste modo, nos possibilita abrir um leque de experiências de corporalidade sob uma visão mais espetacularizada a respeito a tudo e a todos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

ANDRADE, Rafael Junio de. Lazer e ruralidades: as práticas e representações sociais de lazer no meio rural de Presidente Bernardes-MG. **Dissertação de Mestrado** do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa/MG, 2009.

ASSMANN, Hugo. **Paradigmas educacionais e corporeidade**. 2. Ed. Piracicaba: Editora da UNIMEP, 1993.

BARBOSA, Rui. Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública. In: **Obras completas**. Vol. X. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1947.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BARONI, José Francisco. Circo Girassol: O Saber Circense Incorporado e Compartilhado. **Dissertação de mestrado** apresentada a Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

BOLOGNESI, Mario Fernando. **Palhaços**. São Paulo: Unesp, 2003.

_____. O corpo como princípio. **Trans/form/ação - Revista de Filosofia** da Universidade Estadual Paulista. São Paulo/SP: Editora UNESP, 2001.

_____. **O Circo e a Cidade**. São Paulo: ABRACIRCO, 2005.

_____. **Circos e palhaços brasileiros**. São Paulo : Cultura Acadêmica, 2009.

_____. **O Circo “civilizado”**. Comunicação apresentada no Sixth International Congress of the Brazilian Studies Association (BRASA). 2002. Disponível em: <<http://www.sitemason.vanderbilt.edu/files/gkif6w/Bolognesi%20Mrio%20Fernando.pdf>>. Acesso em: 13 Nov. 2012.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. A perna de pau circense: o mundo sob outra perspectiva. In: **Revista Motriz**. Rio Claro, vol.9, nº 3, 2003.

_____. **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. 1 ed. Jundiaí: Fontoura, 2008, v. 1.

BOURDIEU, Pierre. **O conhecimento pelo corpo**. Meditações Pascalianas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 157-198.

BRASILEIRO, Juliana Evangelista. A vida no circo: psicodinâmica e sentidos do trabalho. **Dissertação**. Departamento de Psicologia da Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008.

- BUBER, Martin. **Sobre comunidade**. São Paulo: Perspectiva, Coleção Debates, 1987.
- CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 2008.
- CASTRO, Alice Viveiros. **O circo conta sua história**. Museu dos Teatros – FUNARJ, Rio de Janeiro, 1997.
- _____. **O Circo no Brasil – Antônio Torres**. Disponível em: <http://www.arcadovelho.com.br/Circo/HISTORIA%20DO%20CIRCO.htm>. Acesso em 26 Abr 2012.
- CITRO, Silvia (org.). **Cuerpos Significantes: travesía de uma etnografia**. 1ed, Buenos Aires: Biblos, 2009.
- _____. **Cuerpos plurales: antropología de y desde los cuerpos**. 1ed, Buenos Aires: Biblos, 2010.
- CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques.; VIGARELLO, George. (Ed.). **A História do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2008, 3 volumes.
- COSTA, M. M. F. O velho-novo circo: um estudo de sobrevivência organizacional pela preservação dos valores institucionais. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO (Enanpad), 24. **Anais...** Florianópolis, 2000.
- COURTINE, Jean-Jacques. “Os stakhanovistas do narcisismo: Bodybuilding e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo”. In: SANT’ANNA, Denise Bernuzzi (org.). **Políticas do corpo: Elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- CSORDAS, Thomas. **Corpo, Significado e Cura-Modos somáticos de Atenção**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2008, p.367-392.
- DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- _____. Roberto. **A originalidade de Gilberto Freyre**. *BIB*, n. 24, 1987.
- DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas/São Paulo: Papyrus, 1995.
- DE GÁSPARI, Jossett Campagna; SCHWARTZ, Gisele Maria. Vivência em artes circenses: motivos de aderência e expectativas. **Revista Motriz**. Rio Claro, v. 13, n. 3, p. 158-164, 2007.
- DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- DEL PRIORI, Mary. **Corpo a Corpo com a Mulher**. São Paulo: Senac, 2000.
- DEMENY, Georges. *Les bases scientifiques de l’Éducation Physique*. 8a. edition. Paris: Librairie Félix Alcan, 1931. 335 p.
- _____. *Mécanisme et éducation des mouvements*. 5a. édition. Paris: Librairie Félix Alcan, 1924. 542 p.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault – uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

DUARTE, Regina Horta. **Noites circenses: espetáculo de circo e teatro, em minas gerais no Século XIX**. Campinas: Edunicamp, 2005.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2.ed. – 3.reimp, 2009;

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo, 2ª Ed, Martin Fontes, 2003.

ELIAS, Norbert. **Sobre os seres humanos e suas emoções: um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos**. Londres, Trad. M.B. Bissoto e F.C. Fontanella. (mimeo). 1991.

_____. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, volume 1.

_____. **Envolvimento e Distanciamento: estudos sobre Sociologia do conhecimento**. Lisboa: Nova Enciclopédica, 1997.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. **Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FONTANELLA, Francisco Cock. **O Corpo no Limiar da Subjetividade**. Piracicaba, Ed. Unimep, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Sampaio, Laura Fraga de Almeida. São Paulo: Loyola, 1996(a).

_____. **Microfísica do poder**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996(b).

_____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

_____. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 6 ed., 2000.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GALEANO, Eduardo. **As Palavras Andantes**. Tradução de Eric Nepomuceno. 5ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Tradução: Fanny Wrobel. Rio de Janeiro. Zahar, 1989.

_____, Clifford, **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução: Vera Mello Joscelyne. 6ª. Petrópolis: Vozes, 2003.

GOFFMAN, Erving. **Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução: Nunes, Márcia Bandeira de Mello Leite. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1963.

_____. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Tradução: Raposo, Maria Célia Santos. 11^a ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

GOLDENBERG, Miriam; RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: o corpo como valor. In: **Nu & Vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GUARESCHI, Pedrinho. (org.). **Textos em Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Ed. Petrópolis, 1994.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. 6 ed. São Paulo. Perspectiva, 2010.

JODELET, Denise. Representações sociais: Um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

KOWALSKI, Marizabel (org). Discurso estético do corpo: o autocuidado de mulheres. **CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, ano 3, ed. 6, jan./abr. 2009.

_____. A epistemologia na formação da sociedade brasileira. **Fédération Internationale d'Education Physique – FIEP/Bulletin On-line**, v.79, 2012.

KUHN, Thomas. A. A função do dogma na investigação científica. In: DEUS, J.D. (org). **A crítica da ciência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

LAPLANTINE, Francois. **Aprender Antropologia**. Porto Alegre: Brasiliense, 2003.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Editora 34, 2000.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução: Fuhrmann, Sonia M. S.. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

LYOTARD, Jean-François. **A fenomenologia**. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

LOBO, Lilia; CASSOLI, Tiago. Circo social e práticas educacionais não governamentais. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 62-67; set./dez. 2006.

LOCKE, John. Segundo tratado sobre o governo. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, p. 33-131, 1983.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedraço**: cultura popular e lazer na cidade de São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva. **Técnicas de Pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 2008.

MAREY, Étienne-Jules. **Le mouvement**. Marseille: Éditions Jacqueline Chambon, 1994.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EDUSP, 1974.

_____. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MEDINA, João Paulo S. **A Educação Física cuida do corpo... e ‘mente’**: bases para a renovação e transformação da educação física. 7. ed. Campinas: Papirus, 1987

_____. **O brasileiro e seu corpo**. Campinas: Papirus, 1990.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2ª ed. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERTON, Robert K. Os imperativos institucionais da ciência. In: DEUS, J.D. (org). **A crítica da ciência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O Conceito de Representações Sociais dentro da sociologia Clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho A. & JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOCARZEL, Rafael Carvalho da Silva. Artes marciais e jovens: violência ou valores educacionais? Um estudo de caso de um estilo de Kung-Fu. (**Dissertação de Mestrado em Ciências da Atividade Física**). Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2011.

MOLINA NETO, V.; TRIVINÕS, A. N. S., **A pesquisa qualitativa na Educação Física**. Porto Alegre: UFRGS/Sulina, p. 107-139, 1999.

MOREIRA, Wagner Wey (org.) **Corpo Presente**, Campinas: Papirus, 1995.

MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social Da Psicanálise**. Rio De Janeiro: Zahar, 1978.

NASCIMENTO, Milton; BASTOS, R. Circo marimbondo. In: NASCIMENTO, Milton. **Geraes**. Rio de Janeiro: EMI/ODEON, 1976. 1 CD: digital.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Paralelo, 1998. p. 17-35.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. 8º ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PANTANO, Andreia Aparecida. A personagem palhaço: a construção do sujeito. Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências. **Dissertação de mestrado**, 2001.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da Estética**. Tradução: Maria Helena Nery Garcez. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

POLOSSO, Hugo. **Papo-cabeça pra pensar**. Almanaque Brasil de cultura popular. Ano 5 n. 60 Março 2004, p.20-23.

PROSBT, Melissa. Corpo, devir e educação. (**Dissertação de Mestrado em Educação**). Universidade Regional de Blumenau-FURB, Blumenau, 2010.

REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. **História da vida privada: da Renascença ao século das luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro, Achiamé, 1975.

ROUSSEAU, Jean Jacques. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. In: **Os Pensadores**, p. 201-320. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

1978. SÁ, Celso Pereira de. **Construção do objeto de Pesquisa em Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SANTIN, Silvino. **Educação física: outros caminhos**. Porto Alegre: EST, 1990.

SANTOS, Robson dos. Interações, poder e instituições totais: a narrativa de Primo Levi e a microssociologia de Erving Goffman. **Revista de Sociologia e Política** v. 17, nº 34, p.231-240, out. 2009.

SELLTIZ, WRIGHTSMAN E COOK. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. Volume I - Delineamentos de pesquisa. Tradução: Maria Martha H. d'Oliveira. São Paulo. EPU, 1987.

SILVA, Ermínia. **O circo – sua arte e seus saberes – O circo no Brasil do final do século XIX a meados do XX**. 1996. Dissertação. Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 1996.

_____. **As múltiplas linguagens na teatralidade circense: Benjamim de Oliveira e o circo-teatro no Brasil no final do século XIX e início do XX**. São Paulo: Altana, 2007.

SILVA, Vagner Gonçalves. **O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho A. & JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, pg.117-145.

SOARES, Carmem Lucia. **Imagens da educação no corpo: Estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. Campinas, SP: Autores associados, 1998.

_____. **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001(a).

_____. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. 2ed. Campinas: Autores Associados, 2001(b).

_____. Pedagogias do corpo: o esporte, as ginásticas, a higiene. **Colóquio “Foucault, vinte anos depois”**, IFCH-UNICAMP, 2004.

SOARES, Carmem Lucia; ZARANKIN, A. Arquitetura e educação do corpo: notas indiciais. **Revista RUA**. Campinas: UNICAMP-NUDECRI, n. 10. p. 23-35, mar. 2004.

SOARES, Carmen Lúcia; MADUREIRA, José Rafael. Educação Física, Linguagem e Arte: Possibilidades de um diálogo poético do corpo. **Movimento**, V.11, n°2, p.75 - 88. Editora UFRGS: Maio/agosto de 2005.

TAKAMORI, Flora Sumie. Abrindo as portas para as atividades circenses na Educação Física escolar: um relato de experiência. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v.13, n.1, p.1-16, 2010.

TORRES, Antônio. **O circo no Brasil**. São Paulo: Atração/Livros, 1998.

TUBINO, Manoel José Gomes. Por que *Homo Sportivus*? In: TUBINO, Manoel José Gomes; CAPINUSSÚ, José Maurício; FERREIRA, Vera Lucia Costa. **Homo Sportivus**. Rio de Janeiro: Palestra Edições Esportivas, 1990.

VAZ, Alexandre Fernandez. Treinar o corpo, dominar a natureza: Notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Cadernos Cedex**, ano XIX, n° 48, Agosto/1999.

VIGARELLO, George. Panóplias corretoras: balizas para uma história. In: SANT'ANNA, Denise B. (org). **Políticas do Corpo**. Sao Paulo: Estação Liberdade, 1995.

VIGARELLO, George. A invenção da ginástica no século XIX: movimentos novos, corpos novos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v. 25, n. 1, p. 9-20, set. 2003.

WEINECK, Jürgen. **Treinamento Ideal**, 1°ed. São Paulo: ed. Manole, 1999.

ZOLA, Émile. **Germinal**. [s.l.]: Ediouro, [s.d.].

_____. **Germinal**. Paris: Garnier-Flammarion, 1968.

ANEXOS

Anexo I – Carta de Aceite/Autorização e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Declaração de aceitação de participação na pesquisa

Prezado Senhor(a),

Venho por meio desta apresentar o projeto de pesquisa _____, de minha autoria, com o objetivo de convidar sua equipe para participar da referida pesquisa como campo para coleta de dados, tendo em vista o grande e importante trabalho que seu grupo vem desenvolvendo com relação ao trabalho de entretenimento.

O referido projeto está cadastrado na Universidade Federal de Viçosa - UFV, onde sou Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação Física, desde o início de 2011.

Para a montagem da amostra, serão necessários alguns dados relativos aos artistas do circo. Esses dados deverão ser fornecidos pelo responsável pelo grupo e/ou pelos próprios artistas circenses. Os dados serão coletados por meio de entrevistas individuais e/ou grupais e observações, podendo o entrevistado a qualquer hora obter esclarecimentos acerca de assuntos relacionados com a pesquisa, bem como poderá deixar de participar em qualquer momento desta.

É importante salientar que os resultados serão apresentados para o grupo, que terá seu nome divulgado apenas se houver autorização expressa para tal, e que serão resguardados todos os princípios éticos de pesquisa.

Aguardando um pronunciamento de sua parte, antecipamos agradecimentos.

Atenciosamente,

Profa. Dra. Marizabel Kowalski
(RG:.....)

Luiz Eduardo Benini
(RG:.....)

Aceite por:

Data:

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Eu, Luiz Eduardo Benini, profissional de Educação Física, mestrando do curso de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, estou realizando uma pesquisa sobre as práticas corporais dos artistas circenses. Estou perguntando, por meio de um questionário individual e/ou grupos e entrevistas, aos artistas como o uso de seu corpo no universo do Circo é representado.

Convido-o(a) para participar desse estudo. Sua participação além de importante é imprescindível, pois os avanços científicos na área de Educação Física e Esportes ocorrem por pesquisas como esta, para tanto, necessito de sua colaboração. O questionário será realizado por mim, em um local e hora que você indicar. Assumo o compromisso de manter sigilo quanto a sua identidade, pois todas as informações aqui coletadas somente serão utilizadas pra fins de pesquisa. Nenhuma informação que o identifique será utilizada. Os questionários respondidos serão guardados em local seguro, sob a minha responsabilidade e Programa de Pós-Graduação da UFV. Garantimos que o desenvolvimento da pesquisa não envolve riscos e desconfortos a sua saúde.

Você tem o direito de negar-se a participar desse estudo. Isto não lhe acarretará nenhum prejuízo. Informo que, neste momento, não se beneficiará diretamente dos resultados dessa pesquisa. Assumo o compromisso de esclarecer todas as dúvidas que possa ter com relação ao procedimento e aos cuidados éticos do estudo e a lisura dos dados.

Luiz Eduardo Benini – Mestrando UFV

Consentimento:

Eu _____, RG: _____

abaixo assinado, tendo recebido as informações acima, e ciente dos meus direitos abaixo relacionados, concordo em participar dessa pesquisa.

1. Garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento de dúvidas sobre a entrevista, riscos, benefícios e outros relacionados à pesquisa.

2. Liberdade de retirar o meu consentimento, a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isso acarrete prejuízo à continuação do seu trabalho de pesquisa.
3. Segurança que não serei identificado e que será mantido o caráter confidencial da informação relacionada à minha privacidade.
4. Segurança que serei informado dos resultados da pesquisa e os benefícios que podem advir e que serão realizados esforços para divulgar e propagar tais conhecimentos.
5. Se tiver qualquer dúvida sobre o estudo, entrarei em contato com Luiz Eduardo Benini, pelo telefone (...).....ou e-mail:

Este documento contém duas vias, sendo que uma ficará em meu poder e a outra arquivada com o pesquisador.

Assim, declaro que tendo compreendido o exposto desejo participar da pesquisa e não me oponho à que a mesma seja gravada e filmada.

Por ser verdade, firmo o presente,

Assinatura do participante

Data: ____/____/_____

A. CATEGORIA: DADOS PESSOAIS E CIRCO

Circo:

Local:

Apresentação:

Nome artístico:

Idade:

Origem:

Estado civil:

Escolaridade:

B. CATEGORIA: HISTÓRICO/PERFORMANCE

O que faz no circo?

Quem voce seria se o circo não existisse?

Quem te ensinou o que voce faz? família () amigos () escola de circo () outros () se outros, quem?

Treina? Sim () não () quanto tempo?

Como se sente fisicamente durante o treino? bem () fadiga () com dores ()

O que mais exige de voce corporalmente?

força () agilidade () velocidade () concentração () flexibilidade ()

Como se sente durante a performance? alegre () extasiado () surpreso () triste ()
concentrado () por quê?

C. CATEGORIA: CORPO

Voce acha o corpo importante no que voce faz? sim () não ()

se sim, por quê?

Faça uma descrição detalhada de seu corpo.

Qual seria o corpo ideal no universo circense?

Para que serve o corpo dentro do universo do circo?

O circo exige um biotipo especial de corpo? Qual e por quê?

Que parte do seu corpo fica mais em evidencia durante a apresentação?

Se seu corpo falasse o que ele diria durante a apresentação?

O que voce acha daquele corpo grotesco (anão/deficiente) usado nos circos antigos?

Como voce vê e sente o corpo no universo do circo? Como as pessoas te veem na rua?

D. CATEGORIA: PRATICAS CORPORAIS

Quais são os movimentos mais realizados em sua performance?

andar () correr () saltar () sentar () agachar () pendurar () rolar () "estrela" ()
outros (), se sim, Qual e porque?

Qual seu sentimento ao utiliza-los na performance?

Se voce fosse ensinar seu numero a outra pessoa, que conselhos dariam a ela? Por quê?

O que mais atrai o publico no seu desempenho?

E. CATEGORIA: ATIVIDADE FÍSICA E CIRCO

Voce vê alguma relação do circo com a educação física?

Sim () não () Se sim, por quê?

Qual a importância da atividade física para o que voce faz?

Qual a importância da atividade física para o circo?

Voce se considera um artista e um atleta? Por quê?

F. CATEGORIA: OUTROS

Gostaria de acrescentar algo a sua fala?

Anexo III – Fotografias

A lona circense;



Fonte: Fontes primárias;



Fonte: Fontes primárias;

A lona circense (amarrações);



Fonte: Fontes primárias;

As instalações dos sujeitos circenses e o banheiro público;



Fonte: Fontes primárias;



Fonte: Fontes primárias;

O trailer (vista noturna):



Fonte: Fontes primárias;

Sob a lona circense,



Fonte: Fontes primárias;

Por trás da cortina:



Fonte: Fontes primárias;



Fonte: Fontes primárias;

Os sujeitos – ora sobre o picadeiro, ora vendedores:



Fonte: Fontes primárias;

Atuação antes do espetáculo – vendedores (pipocas e ingressos)



Fonte: Fontes primárias;

A preparação e auxílio dos demais;



Fonte: Fontes primárias;



Fonte: Fontes primárias;

Observação: As demais fotos do espetáculo e das performances tiradas não foram incluídas, pois o instrumento fotografia tornou-se inviável e incapaz de captar com nitidez a identificação do movimento e das técnicas circenses. No entanto, o entendimento e leitura de tais performances foram proporcionadas pelo prévio conhecimento do pesquisador aliado às informações contidas em diário de campo.

Anexo IV – Quadro esquemático da amostra

ENTREVISTADO	SEXO	ORIGEM	IDADE	ESTADO CIVIL	ESCOLARIDADE
A	<i>Masculino</i>	<i>Goierê/PR</i>	<i>31</i>	<i>Casado</i>	<i>6ª Serie Ens. Fundamental</i>
B	<i>Masculino</i>	<i>Fortaleza/CE</i>	<i>17</i>	<i>Solteiro</i>	<i>5ª Série Ens. Fundamental</i>
C	<i>Feminino</i>	<i>Olinda/PE</i>	<i>27</i>	<i>Separada</i>	<i>2º Grau Completo</i>
D	<i>Masculino</i>	<i>Toledo/PR</i>	<i>25</i>	<i>Solteiro</i>	<i>1º Série Ens. Fundamental</i>
E	<i>Masculino</i>	<i>São B. do Campo/SP</i>	<i>28</i>	<i>Casado</i>	<i>Não Informou</i>
F	<i>Feminino</i>	<i>Campinas/SP</i>	<i>21</i>	<i>Casado</i>	<i>1º Grau Completo</i>
G*	<i>Feminino</i>	<i>Rio de Janeiro/RJ</i>	<i>68</i>	<i>Separada</i>	<i>4ª Serie Ens. Fundamental</i>
H	<i>Masculino</i>	<i>João Pessoa/PB</i>	<i>29</i>	<i>Casado</i>	<i>1º Ano Ens. Médio</i>
I	<i>Feminino</i>	<i>São Paulo/SP</i>	<i>28</i>	<i>Casada</i>	<i>3º Grau Incompleto</i>

*O entrevistado G não foi contabilizado como sujeito do Circo pelo fato de não participar ativamente do espetáculo “Bagun S/A”.